



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis



congresso internacional

A fúria de Aquiles as faces da guerra

livro de resumos

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Congresso Internacional "A fúria de Aquiles: as faces da guerra" – Livro de Resumos

EDITORES

António Manuel Ferreira, Ana Maria Ramalheira, Carlos Morais,
João de Mancelos, Maria Fernanda Brasete, Rosa Lúcia Coimbra

CAPA

Baseada num cartaz de Sofia Almeida (SCIRP – UA)

EDIÇÃO

UA Editora – Universidade de Aveiro

1.ª EDIÇÃO

Setembro de 2022

ISBN

978-972-789-800-8

DOI

<https://doi.org/10.48528/83xk-v838>

Índice

Apresentação	4
Comissões	5
Programa	7
Resumos	16
Apoios	91

Apresentação

O Congresso Internacional “A Fúria de Aquiles: as faces da guerra” tem lugar na Universidade de Aveiro (Portugal), nos dias 29 e 30 de setembro de 2022. Esta reunião científica vem na sequência de congressos realizados nos últimos anos, no âmbito do Projeto do CLLC-UA “Mitografias: Temas e Variações”:

2015: Caim e Abel: família e conflito;
2016: Exodus: migrações e fronteiras;
2017: Em busca da Terra prometida: mitos de salvação;
2018: Arca de Noé: catástrofe e redenção;
2019: Olhares de Narciso: egotismo e alienação;
2020: Torre de Babel: alteridade e estereótipos (não realizado, devido à pandemia, mas convertido em chamada para volume temático).

Com a presente iniciativa pretende-se dar continuidade, reforçar e promover a investigação em áreas multidisciplinares, compreendendo a literatura, a cultura, a linguística e a tradução, bem como as suas relações com outros domínios científicos, literários, artísticos e culturais. As comunicações inserem-se nas seguintes áreas temáticas:

Mito de Aquiles e sua receção;
Cólera e vingança;
Amor e ódio;
A figura do guerreiro;
As vítimas da guerra (mulheres, crianças, refugiados, exilados...);
Traumas e superação;
Memórias da guerra;
Representações da guerra no cinema e noutras artes;
O tema da guerra no discurso jornalístico.

Comissão Organizadora

António Manuel Ferreira
Ana Maria Ramalheira
Carlos Morais
João de Mancelos
Maria Fernanda Brasete
Rosa Lúcia Coimbra

Coordenação do apoio ao secretariado no evento

Andreia Fragata Oliveira Boia

Comissão Científica

Agnaldo Rodrigues (UnEMAT, Brasil)
Ália Rodrigues (CECH, Universidade de Coimbra, Portugal)
Alex Villas Boas (Universidade Católica Portuguesa, Lisboa; PUCPR, Brasil)
Ana Paula Pinto (Universidade Católica Portuguesa- FFCS-CEFH, Portugal)
Andrés Pociña Pérez (Professor Emérito, Universidad de Granada, Espanha)
Anthony Barker (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro, Portugal)
Aurora López López (Professora Emérita, Universidad de Granada, Espanha)
Carlos de Miguel Mora (Universidad de Granada, Espanha)
Carmen Morenilla (Universitat de València, Espanha)
Christian Werner (Universidade de São Paulo, Brasil)
Cláudio Aquati (USP Júlio de Mesquita Filho, Campus de São José do Rio Preto, Brasil)
Edith Hall (University of Durham, UK)
Emilio Crespo Güemes (Universidad Autónoma de Madrid, Espanha)
Emma Greensmith (St John's College, Oxford, UK)
Erik Van Achter (CLP, Coimbra; KULeuven, Bélgica)
Francesco de Martino (Università di Foggia, Itália)
Giuliana Ragusa (Universidade de São Paulo, Brasil)
Hans Ausloos (F.R.S.-FNRS / Université Catholique de Louvain, Bélgica)
Jacyntho José Lins Brandão (Letras/Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)
Jorge Deserto (CECH, Universidade do Porto, Portugal)
José Ramalheira Vaz (Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto, Portugal)
José Teixeira (Universidade do Minho, Portugal)
Lola Xavier (Universidade Politécnica de Macau/Instituto Politécnico de Coimbra, Portugal)
Luís Nogueira (Universidade da Beira Interior, Portugal)
Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho (Filosofia/Univ. Federal de Minas Gerais, Brasil)
Maria de Fátima Silva (Universidade de Coimbra, Portugal)
Maria Teresa Amado Rodriguez (Universidad de Santiago de Compostela, Espanha)
Maria Teresa Santa Maria Fernandez (Universidad Internacional de La Rioja, Espanha)
Marília Futre Pinheiro (Universidade de Lisboa, CLEPUL, Portugal)
Marina Brownlee (Princeton University, EUA)
Marta González González (Universidad de Málaga, Espanha)
Marta Várzeas (Universidade do Porto, Portugal)
Nikolaus Dietrich (Universität Heidelberg, Alemanha)
Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa, Portugal)
Reinaldo Francisco Silva (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)
Rui Carlos Reis Fonseca (Universidade da Madeira, Portugal)
Stéphanie Urdician (Université Clermont Auvergne/ CELIS, França)
Susana Maria Duarte Hora Marques Pereira (Universidade de Coimbra, CECH, Portugal)
Vera Lúcia da Rocha Maquêa (Unemat, Brasil)
Virgínia Boechat (AgroParisTech, França)

e os membros da Comissão Organizadora



programa

Sala 1 = Auditório Aldónio Gomes (2.1.10)

Sala 2 = Sala 2.1.11

Sala 3 = Sala 2.5.8

Primeiro dia Quinta-feira, 29 de setembro de 2022

08h30-09h00 – Receção dos participantes e entrega de documentação

09h00-09h20 – Sessão de abertura

09h20-10h00 – Conferência de abertura – **Christian Werner** (Universidade de São Paulo, Brasil), *Beleza na guerra? Tensão entre canto e violência na Ilíada de Homero*
Moderação: Maria Fernanda Brasete

10h00-11h20 – Sessões simultâneas A

Hora	Sala 1	Sala 2	Sala 3
	Moderação: Carlos Morais	Moderação: Susana Marques	Moderação: M. ^a Teresa Amado
10h00-10h20	António Manuel Ferreira (DLC/CLLC, Univ. Aveiro), <i>Nas margens da guerra: Volfrâmio, de Aquilino Ribeiro</i>	Adriano Milho Cordeiro (FLUC / CECH, Universidade de Coimbra), <i>Amor e ódio na Hécuba de Cândido Lusitano</i>	Alexandra Lopes da Cunha & Gustavo Melo Czekster (Pontifícia Univ. Católica do Rio Grande do Sul), <i>A guerra tem rosto e corpo e voz de mulher: As troianas, de Eurípedes, e Alexandra, de Lícofron</i>
10h20-10h40	André Simões (CEC / FLUL, Univ. Lisboa), <i>Verus Achilles hic: figuras homéricas na literatura política da Restauração</i>	Carlos Mesquita Severino (CEC / FLUL, Univ. Lisboa), <i>Aquiles na Royal Academy of Arts durante os séc. XVIII-XIX: alguns exemplos</i>	Martha Cecilia Jaime González (Univ. Nacional Autónoma de México), <i>και κεν ἐν Ἀργεὶ ἐοῦσα πρὸς ἄλλης ἀστὸν ὑφαίνοισι. El cuerpo femenino explotado</i>
10h40-11h00	José Cândido de Oliveira Martins (Univ. Católica Portuguesa / CEFH), <i>Formas e genealogias da violência e do mal em H. G. Cancela</i>	Ignacio Roldán Martínez (INILE, Univ. Internacional de la Rioja), <i>La Historia suspendida en los discursos de Lions for lambs de Robert Redford</i>	Joana Pinto Salvador Costa (Centro de História da Univ. Lisboa), <i>A Violação como Instrumento da Guerra A Intemporalidade da Guerra de Tróia</i>
11h00-11h20	Debate	Debate	Debate

11h20 – 11h40 – Intervalo para café

11h40-13h00 – Sessões simultâneas B

Hora	Sala 1	Sala 2	Sala 3
	Moderação: Rosa Lídia Coimbra	Moderação: António Manuel Ferreira	Moderação: Christian Werner
11h40-12h00	José Teixeira (Universidade do Minho), <i>“Guerra” no discurso jornalístico: graus de metafóricidade e a suposta neutralidade</i>	Virginia Boechat (AgroParisTech, França), <i>Cães, cavalos, touros, águias, gamos: a fúria e o ardor que animalizam os humanos n’Os Lusíadas</i>	Marina S. Brownlee (Princeton University, USA), <i>Trauma, Death, and Transcendence—The Case of Leonor López de Córdoba</i>
12h00-12h20	Sara Topete de Oliveira Pita (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro), <i>O retrato de um presidente em guerra nos títulos dos jornais</i>	Maria Mafalda Viana , <i>O modelo épico da guerra e o novo modo épico camoniano</i>	Nikolaus Dietrich (Universität Heidelberg, Alemanha), <i>Achilles, hero of love. The hero beyond virtus in Roman art</i>
12h20-12h40	Rui Miguel Duarte (CEC, FLUL, Universidade de Lisboa), <i>Aquiles nos discursos de escola</i>	Susana Marques (Univ. Coimbra, CECH), <i>Evocações de Aquiles na poesia portuguesa contemporânea</i>	Francesco de Martino (Università di Foggia, Itália), <i>La ira de Aquiles y el proemio de la Iliada</i>
12h40-13h00	Debate	Debate	Debate

13h00-14h30 – Intervalo para almoço

14h30-16h10 – Sessões simultâneas C

Hora	Sala 1	Sala 2	Sala 3
	Moderação: Marta González González	Moderação: José Cândido Martins	Moderação Emília Oliveira
14h30-14h50	Maria Teresa Amado Rodriguez (Univ. Santiago de Compostela), <i>Excluída y traicionada: una Medea víctima de la guerra civil española</i>	Tiago Marcenes Ferreira da Silva (IFB, Instituto Federal de Brasília, Brasil), <i>“Pai contra mãe”, de Machado de Assis, e a crueldade da escolha pela violência</i>	Artur Ilharco Galvão (Universidade Católica Portuguesa) & Susana Vilas Boas (Universidad Loyola, España), <i>A transmutação da figura do guerreiro: do humano heroico ao transhumano invencível</i>
14h50-15h10	M.ª Teresa Santa Maria Fernandez (Univ Int. La Rioja), <i>Aquiles, un personaje actualizado en dos obras del exilio español de 1939: Héctor y Aquiles, de José Ramón Enríquez y La hija de Dios, de José Bergamín</i>	Vera Lúcia da Rocha Maquêa (Unemat, Brasil), <i>A Fúria Encantada</i>	Isabel Santos (Centro de História da Universidade de Lisboa), <i>Amor e ódio em contexto bélico. Estudo de caso: Aquiles, o herói de sentimentos intensos e extremos</i>
15h10-15h30	Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho (Filosofia/Univ. Federal de Minas Gerais), <i>A cólera e a vingança como superação dos traumas em electras brasileiras</i>	Aginaldo Rodrigues (UnEMAT, Brasil), <i>Traumas e superação na escrita criativa indígena, quilombola e ribeirinha do Estado de Mato Grosso – Brasil: elementos para uma cartografia da diversidade sociocultural e literária</i>	Luís Miguel F. Henriques (CECH/FLUC, Instituto Politécnico de Portalegre), <i>O ideal do guerreiro homérico</i>
15h30-15h50	Iria Pedreira Sanjurjo (Universidade de Santiago de Compostela), <i>Lisístrata ou de cando as mulleres reviraron, un híbrido aristofánico contra la guerra</i>	Maria do Carmo Pinheiro Silva Cardoso Mendes (Universidade do Minho), <i>“O espaço agredido”: representações bélicas em José Luandino Vieira</i>	Vanessa Fernandes & Fotini Hadjittofi (CEC / FLUL, Universidade de Lisboa), <i>A figura do herói guerreiro na declamação grega da antiguidade tardia</i>
15h50-16h10	Debate	Debate	Debate

16h10-16h30 – Intervalo para café

16h30-18h10 – Sessões simultâneas D

Hora	Sala 1	Sala 2	Sala 3
	Moderação: Ana Maria Ramalheira	Moderação: Maria Fernanda Brasete	Moderação: Erik Van Achter
16h30-16h50	Anthony Barker (University of Aveiro), <i>The Fog of War Memoirs: a Case Study</i>	Giuliana Ragusa (Universidade de São Paulo, Brasil), <i>De lutas e lutos, de cóleras e vinganças: Meleagro na poesia grega arcaica</i>	Hans Ausloos (F.R.S.-FNRS / Université Catholique de Louvain, Bélgica), <i>Samson's Hair. The Achilles' Heel of a Biblical Character</i>
16h50-17h10	Alex Hobson (U.S. Naval War College, USA), <i>"White Rage"?: Vengeance in Ronald Reagan's response to Middle East Terrorism</i>	Evelia Arteaga Conde (Universidad Autónoma de la Ciudad de México, México), <i>Discursos fúnebres de Aquiles y Andromaca en la Iliada: división de sexos, no marginación</i>	Carlos Pereira (CH-UL, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), <i>Por uma mulher. Receção de um tópico homérico nos Atos de Paulo e Tecla</i>
17h10-17h30	Pandeleimon Hionidis (Greece), <i>"Our own correspondent from Greece"; Covering conflict and war in early Victorian Britain (1835 – 1857)</i>	Gabriel A. F. Silva (CEC / FLUL, Universidade de Lisboa), <i>Aquiles e a achillea</i>	Alex Villas Boas (Univ. Católica Portuguesa / PUCPR, Brasil), <i>A anti-tragédia como unidade entre poiesis e polis na releitura de Vladimir Korolenko</i>
17h30-17h50	Marzena Sokołowska-Paryż (University of Warsaw, Poland), <i>Sculpting/ Carving the Female Body: A Transnational Perspective on Commemorating Wartime Rape Victims</i>	Paloma Flávio Betini & Giuliana Ragusa (Universidade de São Paulo, Brasil), <i>Quem matou Aquiles? A morte do maior dos aqueus por Páris-Apolo na poesia grega arcaica e clássica</i>	Marcos Lentino Messerschmidt (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil), <i>Pensar em meio à guerra: experiência, trauma e resistência</i>
17h50-18h10	Debate	Debate	Debate

Segundo dia
Sexta-feira, 30 de setembro de 2022

09h30-10h50 – Sessões simultâneas E

Hora	Sala 1 Moderação: Carlos Morais	Sala 2 Moderação: António Manuel Ferreira	Sala 3
09h30-09h50	Maria de Fátima Silva (Universidade de Coimbra), <i>Aquiles necrófilo</i>	Roxana Beatriz Martínez Nieto (Univ. Internacional de la Rioja), <i>Tucídides V, 84-116: El diálogo de los Melios. Una aproximación a la historiografía griega desde la perspectiva actual de las relaciones internacionales</i>	
09h50-10h10	Adriane da Silva Duarte (Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, Brasil), <i>Aquiles, Cáriton de Afrodísias e uns versos de Homero citados por Platão</i>	Joana Vidal Lopes , <i>O movimento social da Primavera Árabe e as suas repercussões: Uma década perdida para a democracia?</i>	
10h10-10h30	Carmen Morenilla (Universitat de València, Espanha), <i>Aquiles y el final no casual de la Ilíada</i>	Bruno Henriques (Carlucci American School of Lisbon), <i>Na pegada de Aquiles? Ben, o canalha</i>	
10h30-10h50	Debate	Debate	

10h50-11h10 – Intervalo para café

11h10-12h50 – Sessões simultâneas F

Hora	Sala 1	Sala 2	Sala 3
	Moderação: Maria Cecília Coelho	Moderação: Carmen Morenilla	Moderação: Rui Carlos Fonseca
11h10-11h30	Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), <i>Aquiles no cinema</i>	Ana Paula Pinto (Universidade Católica Portuguesa- FFCS- CEFH), <i>Aquiles: fúria épica e cíclica</i>	Mireya Fernández Merino (Univ. Internacional de la Rioja), <i>Historiar el alma en La guerra no tiene rostro de mujer de Svetlana Alexievich</i>
11h30-11h50	Ricardo Duarte (CEC / FLUL, Universidade de Lisboa), <i>Cólera, vingança e adulação: Séneca e a história de Prexaspes</i>	Jorge Deserto (CECH, Universidade do Porto, Portugal), <i>A galáxia de Aquiles</i>	Antonio Alías (Universidade de Granada, Espanha), <i>O rigor geométrico da épica: “L’Iliade ou le poème de la force”, de Simone Weil</i>
11h50-12h10	Luís Nogueira (Universidade da Beira Interior), <i>Mutantes, máquinas e monstros: rostos da guerra na ficção científica cinematográfica</i>	Ana Rita Figueira CEC / FLUL, Universidade de Lisboa), <i>Somatizações de Aquiles: aisthetikai da fúria em vasos gregos dos séculos VI e V a.C.</i>	Maria José Ferreira Lopes (Univ. Católica Portuguesa, CEFH), <i>Aquiles e Políxena em As Troianas, de Hélio Correia e Jaime Rocha: timê e kléos no masculino e no feminino</i>
12h10-12h30	Marta Isabel de Oliveira Várzeas (CECH / Universidade do Porto), <i>Tróia com bilhete de volta: narrativas de guerra</i>	Helena Maria da Silva Santana (DeCA, Univ. Aveiro) & Maria do Rosário da Silva Santana (ESE, Comunicação e Desporto da Guarda), <i>Música e Conflito: A Superação do Trauma através da obra de Arte em Cândido Lima</i>	Alexandra Coelho dos Santos (FLUC / CECH, Universidade de Coimbra), <i>Uma heroína na retaguarda e um herói na vanguarda: Briseida e Aquiles n’O silêncio das mulheres de Pat Barker</i>
12h30-12h50	Debate	Debate	Debate

12h50-14h30 – Intervalo para almoço

14h30-16h10 – Sessões simultâneas G

Hora	Sala 1	Sala 2	Sala 3
	Moderação: Nuno Simões Rodrigues	Moderação: Ana Maria Ramalheira	Moderação: Marta Várzeas
14h30-14h50	Marta González González (Universidad de Málaga), <i>La idea de amistad en el Aquiles homérico</i>	Brooke McArdle , (New York University, Dep. Classics), <i>Proverbial and Ritual Compensation in Homer's Iliad</i>	Erik Van Achter (KU Leuven – Belgium/ CLP – Portugal) & William Allison (Bristol School of Medicine – United Kingdom), <i>Achilles' Death: Rigor Mortis in Absentia Corpus. A "Cold Case Scenario"</i>
14h50-15h10	Marília Futre Pinheiro (Universidade de Lisboa, CLEPUL), <i>Do ideal heróico ao ideal burguês: Jasão, o herói banalizado</i>	Maria Antonietta Struzziero (Italy), <i>New voices for an ancient story: speaking from the margins of Homer's The Iliad in Madeline Miller's The Song of Achilles (2011) and Pat Barker's The Silence of the Girls (2018)</i>	José Luis de Micheo Izquierdo (Universidad Internacional de la Rioja, Unir, Espanha), <i>Dionisio Ridruejo: poesía fascista de la guerra civil española</i>
15h10-15h30	Rui Carlos Reis Fonseca (Universidade da Madeira e CEC, Universidade de Lisboa), <i>Aquiles e a Guerra de Tróia na literatura bizantina</i>	Jacopo Masi (CEC / FLUL, Universidade de Lisboa), <i>The nonexistent word: Giorgio Caproni's war</i>	Ramiro González Delgado (Dpto. Ciencias de la Antigüedad, Universidad de Extremadura), <i>Los Fuegos de Aquiles y Marguerite Yourcenar</i>
15h30-15h50	William J. Dominik (CEC / FLUL, Universidade de Lisboa / Programa em Estudos Clássicos, Universidade de Otago, Nova Zelândia), <i>A fúria de Aquiles na literatura latina da Antigüidade Tardia</i>	Jose L Garcia (California State University, Northridge, USA), <i>Murder and Madness: War Trauma, Revenge, and Academic Discomfort with Euripides' Hecuba and Star Wars: Rebels</i>	Célia Mafalda Lopes das Neves Gomes de Oliveira (CECH, Universidade de Coimbra), <i>Briseida a Aquiles: o desespero do abandono</i>
15h50-16h10	Debate	Debate	Debate

16h10-16h30 – Intervalo para café

6h30-16h45 – Lançamento da obra *Figuras do Mito*, de Maria Mafalda Viana, Ed. Tinta da China, por Maria Fernanda Brasete.

16h45-17h15 – Sessão de lançamento do romance *Um muro no meio do caminho*, de Julieta Monginho, Porto Editora, com apresentação e entrevista à autora dinamizadas por Ana Maria Ramalheira.

17h15-17h30 – Sessão de lançamento do livro *Voltar a Ler 5 - António Sérgio: Literatura e Crítica Literária* por Carlos Morais.

17h30-18h10 – Conferência de encerramento - **Edith Hall** (University of Durham, UK), *Achilles vs. Elemental Forces: Iliad Book 21 in an age of ecological anxiety*
Moderação: Maria de Fátima Silva

18h10 – Sessão de encerramento

Nota:

Nos intervalos, terá lugar a exposição multimédia “Representações de Aquiles na Arte”.



resumos

Adriane da Silva Duarte

Universidade de São Paulo, São Paulo - SP, Brasil

*Aquiles, Cáriton de Afrodísias
e uns versos de Homero citados por Platão*

Palavras-chave: Aquiles, *Iliada*, Platão, *Quéreas e Calírroe*, Cáriton de Afrodísias, recepção dos clássicos.

Cáriton de Afrodísias é, dentre os autores do romance antigo, o que mais citações de Homero incorpora a sua obra (Tilg, 2010, p. 141). Grande parte delas tem por efeito realçar o componente patético da narrativa, contribuindo para a caracterização dos personagens (De Temmerman, 2014: 93). Dentre as citações de versos homéricos em *Quéreas e Calírroe* (*Q&C*, I.4; V.2; VI.1), há duas passagens que foram anteriormente referidas em um conhecido passo da *República* (387 b – 388 c), de Platão. Nele Sócrates censura Homero por apresentar Aquiles imerso em sofrimentos, remetendo para alguns versos da *Iliada* (*Il.* XVIII, 23-24; *Il.* XXIV, 10-12) com o intuito de ilustrar seu ponto de vista (Robiano, 2000: 525). Vou me concentrar no exame desses versos e de sua retomada em Platão e em Cáriton para investigar como o herói da *Iliada* é recepcionado por esses autores e se é possível afirmar que aí se desenha uma relação de intertextualidade entre épica, diálogo filosófico e romance antigo.

Nota curricular:

Adriane da Silva Duarte é Professora Titular de Língua e Literatura Grega na Universidade de São Paulo e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. É autora de *O dono da voz e a voz do dono. A parábase na comédia de Aristófanes* (São Paulo, 2000) e *Cenas de reconhecimento na poesia grega* (Campinas, 2012), além de tradutora da comédia aristofânica e do romance grego antigo. Coordena o Grupo de Pesquisa Estudos sobre o Teatro Antigo.

Adriano Milho Cordeiro

FLUC - UI&D-CECH, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Unidade de Investigação e Desenvolvimento do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Amor e ódio na Hécuba de Cândido Lusitano

Palavras-chave: amor, Arcádia Lusitana, Cândido Lusitano, Eurípides, *Hécuba*, neoclassicismo, ódio.

Francisco José Freire, um árcade insigne que adotou o pseudónimo de Cândido Lusitano, foi um tragediógrafo eminente, sendo ainda hoje considerado um dos teorizadores mais relevantes da Arcádia Lusitana. Na peça *Hécuba*, o desmedido sofrimento da rainha troiana patente na peça de Eurípides é reinterpretado por Cândido Lusitano. De que serve à heroína manter conexo a este mundo o fio da vida, se toda a sua existência foi devassada e destruída, se o destino quis que o ódio prevalecesse sobre o amor? A lei da guerra mandou que todos perdessem, vencedores e vencidos. Os fios da vida tornaram-se demasiado frágeis. Só o sossego da morte poderá aplacar o sofrimento.

Nota curricular:

Licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas (Variante Estudos Clássicos e Portugueses) - Ramo de Formação Educacional, pela FLUC. Mestre em Literaturas Clássicas, pela FLUC. Mestre em Estudos Clássicos – Mundo Antigo, pela FLUC. Doutorado em Estudos Clássicos ramo Poética e Hermenêutica, pela FLUC. Investigador Colaborador da FLUC - UI&D-CECH.

Agnaldo Rodrigues da Silva

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/ CAPES/ MEC, Brasil

Traumas e superação na escrita criativa indígena, quilombola e ribeirinha do Estado de Mato Grosso – Brasil: elementos para uma cartografia da diversidade sociocultural e literária¹

Palavras-chave: Cartografia sociocultural de Mato Grosso, literatura e cultura indígena, literatura e cultura quilombola, literatura e cultura ribeirinha.

A rica diversidade sociocultural brasileira está distribuída pela extensa área geográfica do país. No Estado de Mato Grosso, localizado na região centro-oeste, essa diversidade distribui-se, além da comunidade envolvente, pelas comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas. A comunidade envolvente traz consigo especificidades regionais, construídas com os processos de colonização e povoamento, eclodindo diferenças culturais que seguem de norte a sul, leste a oeste. Ao longo do tempo, os povos indígenas lutam pela sobrevivência de suas línguas e culturas, assim como se verificam nas comunidades quilombolas e ribeirinhas, espaços onde têm emergido iniciativas literárias nos mais diversos gêneros, os quais refletem suas vulnerabilidades, em alusão à metáfora do “Calcanhar de Aquiles”. Nesse sentido, esta investigação analisará alguns elementos socioculturais que têm movido uma escrita criativa no âmbito dessas comunidades, assim como a representação de seus traumas e superação, em um movimento de imanência e transcendência entre a obra literária e os processos históricos, econômicos e políticos. Como *corpus*, foram escolhidas três produções literárias, como seguem: a primeira indígena; a segunda, quilombola; e, por último, ribeirinha.

Nota curricular:

Agnaldo Rodrigues da Silva é formado em Letras e Artes pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Mestrado e Doutorado pela Universidade de São Paulo (USP), Pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É Professor na Universidade do Estado de Mato Grosso e membro da Academia Mato-Grossense de Letras/Brasil. Das principais obras científicas, destacam-se: *Projeção de mitos e construção histórica no teatro trágico* (2008), *O teatro mato-grossense: história, crítica e textos* (2010), *Entre Letras e Memórias* (2014), *Diálogos Literários: Literatura, Comparativismo e Ensino* (2010), *Do texto à cena - entre o teatro grego e o moderno teatro brasileiro* (2014, com Wagner Corsino Enedino), *Plínio Marcos: o Signo de um Mau Tempo* (2016, com Wagner Corsino Enedino), *Trajectórias Culturais nas Ilhas do Equador: Estudos sobre São Tomé e Príncipe* (2018, com Inocência Mata), *Literatura e cultura de Cabo Verde: navegando pelas ilhas e pelo mundo* (2021, com Simone Caputo Gomes), *A presença na ausência: a subalternidade na dramaturgia* (bem) dita de Plínio Marcos (2022, com Wagner Corsino Enedino), entre outras. Das principais obras de Criação literária, destacam-se: *A penumbra* (Contos, 2002), *Mente Insana* (Contos, 2008), *Dose de Cicuta* (contos, 2010), *Baú de Pecados* (Contos, 2020), *Fantasma em Vila Maria* (Teatro, 2021).

¹ Esta pesquisa recebe o apoio do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação/PDPG na Amazônia Legal/ CAPES/ Ministério de Educação do Brasil.

Alex Hobson

U.S. Naval War College

*“White Rage”?: Vengeance in Ronald Reagan’s
response to Middle East Terrorism*

Keywords: Vengeance, rage, war, terrorism, United States, Middle East.

In his memoirs, Lt. Colonel Oliver North recalled that on the morning of the Marine Barracks bombing in Beirut President Ronald Reagan “was in a white rage as he walked into the Sit Room, but he was also as alert and as purposeful as I’d ever seen him. ‘We’ll make them pay,’ he said, and he clearly meant it.” This paper takes Reagan’s expression of rage and his promise of vengeance against unknown foes as a historical problem. It examines the themes of rage and vengeance in Ronald Reagan’s responses to Middle East terrorism, in public and private expression, in action, and in redirection and repression. How significant were these emotions as a context for making sense of U.S. decision making? How did they interact with national security doctrine and public diplomacy? What was their impact on the direction of U.S. foreign policy? Scholars have shown that Reagan’s impulse to muscularly retaliate for Middle East terrorism was complicated by competing impulses to avoid causing civilian casualties, yet how these divergent impulses were manifested in Reagan’s presidency remains mysterious. That is the focus of this presentation. With this paper, I aim to contribute to scholarly conversations surrounding how the history of emotions connects with the history of international relations.

CV:

Alex Hobson is a scholar of twentieth and twenty-first century international history. His book project, *Chains of Vengeance: The United States, the Middle East, and Wars of Terrorism, 1967-2001*, offers a critical analysis of the role of vengeance in U.S.-Middle East relations. He is a post-doctoral fellow at the U.S. Naval War College and has taught at Boston University’s Frederick S. Pardee School of Global Studies, Drake University, the School of the Art Institute of Chicago, and Northwestern University, where he received his PhD in history. Hobson’s writing has appeared in *International History Review* and *Foreign Policy*, among other places.

Alex Villas Boas

Universidade Católica Portuguesa

*A anti-tragédia como unidade entre poésis e polis
na releitura de Vladimir Korolenko*

Palavras-chave: Anti-tragédia, teopoética cristã, Giorgio Agamben, Aristóteles, tragédia grega, Vladimir Korolenko.

A presente proposta pretende apresentar uma possibilidade de resgate semântico da unidade entre a poética e a política, como propõe Giorgio Agamben, desde a ideia de comédia como anti-tragédia na poética cristã, em diálogo com a teologia trágica. Tal unidade pode ser lida como desdobramento da relação entre poética e retórica desde Aristóteles, momento em que a poética tem uma função de sedução do desejo e a beleza [*kalos*] da poesia e sua força de mobilização [*dinamis*] se encontra na composição [*siníasthai*] do mito, portador do caráter ético em que por suas ações revelam os valores da cultura. Nesse sentido, para o Estagirita, a poesia é a “invenção da imitação”, que também está implicada no exercício de “contemplação” do caráter, das paixões e das ações (*Poética* I, 3-4). O poeta, para Aristóteles, é aquele que imita o ser humano a partir de pessoas “melhores”, “piores” ou “iguais a nós”. A tragédia, assim, se dirige especialmente à imitação das melhores pessoas e suas ações, ao passo que a comédia procura imitar os piores homens (III, 9-11). Nesse sentido, Agamben propõe uma análise da poética cristã como sendo tipicamente uma anti-tragédia, identificado pelo filósofo italiano primeiramente na *Divina Comédia* de Dante, mas que pode ser remontada à narrativa da ressurreição no Novo Testamento. Nesse sentido, a comédia como teopoética anti-trágica seria uma fonte de resistência política às formas modernas de *hybris* e *pleonexia*, como um movimento insistente da violenta turbulência até a paz. Nessa chave, pode-se ler a aplicação da anti-tragédia como comédia moderna e crítica política no imaginário teológico narrativo na obra do autor ucraniano, Vladimir Korolento, como crítica às formas culturais de autocracia no século XX.

Nota curricular:

Alex Villas Boas é investigador principal e coordenador executivo do Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião da Universidade Católica Portuguesa (CITER UCP). Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio). É colaborador do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC UA) desde 2011 no projeto Teografias.

Alexandra Coelho dos Santos

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra

Uma heroína na retaguarda e um herói na vanguarda: Briseida e Aquiles n'O silêncio das mulheres de Pat Barker

Palavras-chave: Briseida, Aquiles, O silêncio das mulheres, *Iliáda*, heróis, perspectiva feminina.

Recuperada a história da guerra de Tróia, Pat Barker canta, na sua essência e na sua obra *O silêncio das mulheres*, não “a ira (...) do filho de Peleu, Aquiles”, mas a mulher que está por detrás do herói e que se apresenta também ela uma verdadeira heroína enquanto troféu nas mãos do seu inimigo.

Assim, ao lado do valente Aquiles surge uma personagem feminina que, mostrando-se praticamente apagada no poema homérico, desempenha um importante papel no decorrer da história: falamos, pois, de Briseida. Apesar de não ser uma verdadeira heroína na plena aceção da palavra, e segundo dos padrões clássicos, Pat Barker, na sua obra, recupera a sua história e a de outras tantas mulheres, contando ao mesmo tempo uma versão da guerra de Tróia vista pela perspectiva feminina, mostrando que mesmo as escravas poderiam ser vistas como heroínas, na retaguarda, dentro de um ambiente de guerra. A figura de Aquiles, sempre presente no decorrer da história, também é delineado na sua figura de herói e imortal, ao mesmo tempo que se apresenta como extremamente humano em diferentes contextos e sob o olhar feminino de Briseida.

Assim, pretende esta comunicação, tendo em conta a conceção de herói clássico e a *Iliáda*, mostrar que Briseida surge nesta obra como uma verdadeira heroína ao lado de Aquiles, no entanto num modo e perspectiva diferentes: a coragem, a sensatez ou a excelência mostrada no campo de batalha pelo guerreiro, rivaliza com os mesmos valores, agora, centrados numa mulher que se encontra submissa aos seus inimigos, mas que tem de as acoplar à sua figura para conseguir sobreviver.

Nota curricular:

Doutora em Estudos Clássicos – Poética e Hermenêutica, pela Universidade de Coimbra, e Investigadora Colaboradora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, integra igualmente o Projeto Reescrita do Mito. Como domínios de investigação tem privilegiado os seus estudos em torno das tragédias de autores gregos e latinos, receção dos mitos da Antiguidade em autores contemporâneos, e investigação na área das bibliotecas, arquivos e museus na sua dimensão diacrónica, filológica e conceptual.

Alexandra Lopes Da Cunha

Gustavo Melo Czekster

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

*A guerra tem rosto e corpo e voz de mulher:
As troianas, de Eurípedes, e Alexandra, de Lícofron*

Palavras-chave: *As Troianas*, Eurípedes, *Alexandra*, Lícofron, *A Ilíada*, Homero.

A guerra de Tróia, se não a mãe de todas as guerras, foi a matriz de muitas outras, que, assim como ela, foram e vem sendo contadas e recontadas desde o tempo dos aedos gregos. A narração desta guerra é a base fundacional da literatura do Ocidente; a narração de violência e morte, de destruição e extermínio, não está apenas descrita na obra de Homero – e também nas de Eurípedes, Ésquilo e Lícofron –, mas gravada e profundamente marcada na cultura ocidental.

Toda guerra conta com dois lados: os vencedores e os perdedores e, dentre os últimos, na derrota de Tróia figuram como soberbas personagens trágicas as mulheres troianas: Hécuba, Cassandra, Andrômaca. Cabe a elas expor ao mundo o lado sujo, sórdido e nada edificante do conflito entre troianos e gregos. São estas personagens femininas que corporificam e dão voz humana aos sofrimentos, explicando a insensatez da guerra. As personagens femininas de *As troianas* e *Alexandra* evidenciam os grandes dramas da guerra. Não possuem a grandeza de Aquiles ou de Heitor, mas fazem um contraponto: é nelas que se encontra a humanidade, a voz dos sofredores.

Talvez seja o momento – cultural e histórico – propício para o estudo e valorização, não dos dos guerreiros violentos e assassinos, mas das figuras menores, coadjuvantes: as vítimas de suas iras e vaidades, como é o caso das grandes pequenas mulheres de Tróia retratadas nessas obras.

Uma das funções da literatura é criar empatia em relação às vítimas da guerra, e não com os seus perpetradores. Em um futuro impreciso, talvez assim a guerra seja menos glorificada e mais temida. Uma possibilidade remota, mas digna de ser perseguida.

Notas curriculares:

Alexandra Lopes Da Cunha é doutora em Letras pela PUC-RS. Autora de *Amor e outros desastres* (2013), *Vermelho-Goiaba* (2014), Prêmio IEL 60 anos (Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul) na categoria narrativa curta - autor estreante, *Bífida e outros poemas* (2016), *Demorei a gostar da Elis* (2017), finalista do Prêmio SESC em 2016 e finalista do Prêmio Açorianos em 2017 na categoria narrativa longa e *El Alacrán* (2018).

Gustavo Melo Czekster é advogado, formado em Direito pela PUC-RS, mestre em Letras (Literatura Comparada) pela UFRGS e doutor em Letras (Escrita Criativa) pela PUC-RS. É escritor, autor de dois livros de contos: “O homem despedaçado”, (Dublinense, 2013) e “Não há amanhã” (Zouk, 2017) e, em 2021, lançou o romance “A nota amarela” (Zouk).

Ana Paula Pinto

Universidade Católica Portuguesa- Centro Regional de Braga
Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa (Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos)

Aquiles: fúria épica e cíclica

Palavras-chave: Aquiles, *Iliáda*, *Odisseia*, *Cypria*, *Aethiopsis*.

No enquadramento complexo das figuras heróicas da mitologia greco-latina, Aquiles surge como uma das referências mais relevantes da Antiguidade. Essa excepcional popularidade, que permitiu à personagem sobreviver à erosão do esquecimento e exercer incomparável influência sobre o imaginário dos homens de todos os tempos, deve-se ao facto de Homero o ter escolhido como protagonista da *Iliáda*, e ter orientado pela intensidade passional da sua ira o ângulo peculiar de perspectivação da Guerra de Tróia, que a Antiguidade considerava o maior evento histórico da Humanidade. Embora a narrativa da *Odisseia* se centre já na figura de Ulisses, a dupla evocação do guerreiro da ira súbita, das proezas superlativas, e da obsessão com a honorabilidade, já morto, no Hades, em XI e XXIV, concorre para sublinhar na mensagem poética uma tónica moralizadora muito mais positiva e optimista, que transcende o trágico determinismo da *Iliáda*.

Sabemos que o apelo do herói já se exercia sobre o imaginário grego antes do conhecimento regular e universal da poesia homérica o ter referenciado como paradigma heróico, porque o conjunto da chamada Poesia Cíclica oferece muitos dos detalhes tradicionais acerca de Aquiles, apenas discretamente aludidos por Homero, que ficaram também registados nas pinturas cerâmicas do período clássico.

Tomando, pois, como ponto de partida os Poemas Homéricos, propomo-nos abordar a reelaboração poética presente nos Poemas Cíclicos Troianos - particularmente os *Cypria*, com o detalhar dos antecedentes da guerra de Tróia, e a *Aethiopsis*, com o elenco dos factos que se seguiam aos funerais de Heitor. Essa perspectiva comparativa nos permitirá, em síntese, propor diferentes modelos de abordagem simbólica à figura heróica de Aquiles.

Nota curricular:

Com licenciatura em Humanidades (1989) e Doutoramento (2007) em Literatura Grega, é Professora Auxiliar da UCP (CRBraga), onde lecciona desde 1990 várias unidades curriculares, sobretudo da área dos Estudos Clássicos. É membro integrado do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH) da mesma instituição. Tem privilegiado na investigação temas de Língua e Literatura Grega e Latina, Cultura, Religião e Mitologia Clássicas, e sua recepção na Literatura Portuguesa. Tem participado como conferencista e organizado vários encontros científicos internacionais sobre a pervivência de temas e autores da Antiguidade, e publicado vários textos daí resultantes. É Professora Bibliotecária da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, e Secretária da Revista Portuguesa de Humanidades, da FFCS.

Ana Rita Figueira

Centro de Estudos Clássicos/FLUL, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Somatizações de Aquiles: aisthetikai da fúria em vasos gregos dos séculos VI e V a.C.

Palavras-chave: Aquiles, vasos gregos, estética, ética, écfrase, Dioniso.

A compreensão da linguagem dos sentidos, *aisthesis*, eleva-se das citações sobreviventes atribuídas a pensadores pré-socráticos, indicando o papel determinante das sinestésias na nossa maneira de pensar, de agir, de nos apercebermos do que nos circunda e de nos relacionarmos com os demais elementos. Desta maneira, formalizam-se (*schematizēn*) impressões que dão a ver o discurso ético (poiética) enquanto constituinte físico das coisas. Vinculando a ética ao sensível, o pensamento manifestado nas configurações pictóricas de Aquiles complementa as limitações da língua verbal para dizer o que não pode ser dito ou tão completamente dito por palavras, ao tempo que a estimula, ampliando a intersecção dialógica entre o texto e a imagem. Assim, a fúria de Aquiles e os seus desdobramentos ganham saliência enquanto *sinomas culturais* pulsantes na figuração do movimento imobilizado. Aqui salienta-se o instante em que o agir (*agere*) ali enunciado define o *pathos* em que ganha relevo a conexão de impressões inerente à evocação de memórias e à suscitação de comportamentos e de atitudes. Ao centro desta moldura, a figura do guerreiro desenha-se múltiplice, completamente concreta e completamente abstracta. A demasia saliente desta dissonância é aparente no jogo tensional entre (*a*)*summetriai*, destacando-se aí *schemata* de forças em oposição. Desta poiética emergem nexos significativos para a compreensão da e-moção associada a Aquiles, enquanto unidade coerente. Neste sentido, esta comunicação debruça-se concisamente sobre recriações do herói em que esta estética se realiza, principalmente nas conexões estabelecidas com Dioniso e com o universo do deus. É objectivo imediato deste trabalho mostrar a importância das inferências sinestésicas suscitadas pelos vasos de figuras para a ampliação qualitativa do território de encruzamento do texto e da iconografia, com incidência na força e na consistência da solução do desenho enquanto projecto ético.

Nota curricular:

Ana Rita Figueira é doutorada em Estudos Clássicos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com a tese intitulada *Iconografia de Aquiles: teatralidade, retórica e comunicação na cerâmica grega dos séculos VI e V a.C.* Obteve o grau de mestre na mesma Escola, com a dissertação 'King Priam' de Michael Tippett: *Épica, tragédia e perdão*. Tem publicado em revistas como a *Euphrosyne*, a *Cadmo* e a *Dedalus*.

André Simões

Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Verus Achilles hic: figuras homéricas na literatura política da Restauração

Palavras-chave: receção, literatura neolatina, literatura portuguesa, literatura política, restauração.

O 1.º de Dezembro de 1640 viu nascer não só uma nova dinastia em Portugal, mas também todo um manancial literário de apoio à nova monarquia portuguesa. Ao longo das três décadas de guerra que passaram desde a revolução até à Paz de Lisboa produziram-se em Portugal inúmeros documentos para consumo interno e externo: tratados jurídicos, relações de batalhas, gazetas, memoriais, mas também sermões e panegíricos, sempre com o objetivo de justificar jurídica e politicamente a restauração da monarquia portuguesa, mas também louvar o novo rei e seus descendentes. Centraremos a nossa intervenção num tipo particular de louvor e justificação: por um lado os tópicos panegíricos da emulação por parte de D. João IV dos heróis homéricos, concretamente de Aquiles; por outro lado a justificação da antiguidade do reino de Portugal, fundação e descendência dos mesmos heróis homéricos.

Nota curricular:

Doutorado em Estudos Clássicos – Literatura Latina, com uma tese sobre a literatura política do período da Restauração presente nos arquivos do Vaticano, é professor auxiliar no Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e membro do Centro de Estudos Clássicos da mesma Universidade.

Anthony Barker,
DLC/CLLC, University of Aveiro

The Fog of War Memoirs: a Case Study

Keywords: *Bravo Two Zero* (1993), *The One that Got Away* (1995), war narratives.

In an early phase of the first Gulf War, a British special ops mission was sent into Iraq to disrupt military communications and to prevent Iraq from firing missiles into Israel in the attempt to destabilise the West-Arab coalition that was assembled to liberate Kuwait. The 8-man SAS operation went badly wrong, with 2 men killed, several others captured and tortured and one soldier escaping to the Iranian border. Despite this fiasco, the survivors were recognised as heroic and were honoured with citations for bravery. The leader of the squad ‘Andy McNab’ wrote and published a bestseller *Bravo Two Zero* (1993) about the mission, which was adapted by the BBC into a successful film in 1999. Another member of the squad ‘Chris Ryan’ wrote the memoir *The One that Got Away* (1995) about the same mission and this was filmed in 1998 by rival British company ITV. As might be expected, the two accounts differ radically in both story and tone, demonstrating the truism that the first casualty of war is the truth. Apart from the internal contradictions and implausibility of these accounts, there has been a slew of publications purporting to tell the true story of the mission and challenging both versions. This paper looks at the near impossibility of offering a rounded account of military engagements and how their being taken up by commercially-minded publishers and filmmakers will only lead to the further muddying of the war narrative.

CV:

Anthony Barker is Associate Professor in the DLC of the UA, coordinator of a Cultural Studies research line and currently a member of the Department’s executive. Born north of London in 1954, he obtained a D.Phil. at Oxford in 18th-century literature and was Munby Fellow in Bibliography at Cambridge University in 1981-2. He was director of the Master course on Languages and Business and is vice-coordinator of the Doctoral Program in Cultural Studies. He now teaches film, literary and cultural disciplines and English for academic purposes. He publishes in these areas. Earlier work includes collections on Europe and Stereotyping, and articles on drama, the 50s, American and British road movies, and British film and television comedy. Most recent works include articles on zany film and television comedy, ultra-violence in the cinema of the 1970s and films about bridges. He is currently editing a book on peripheral theatres of and micro-narratives from the First World War.

Antonio Alías

Universidade de Granada, Espanha

O rigor geométrico da épica: “L'Iliade ou le poème de la force”, de Simone Weil

Palavras-chave: Força, Némeze, *Hybris*, Desgraça, Épica, Simone Weil.

“O verdadeiro herói, o verdadeiro tema, o centro da Iliada, é a força” Assim começa o ensaio que, de maneira premonitória, escreveu Simone Weil entre 1939 e 1940. A data coincidia, significativamente então, com a entrada da Alemanha nazi em França, acontecimento que obrigou a pensadora a publicar o texto em Marselha nos *Cahiers du Sud* e sob o pseudónimo de Emile Novis. Na realidade este era o último capítulo de uma década trágica de vestígios ameaçadores de ódio e violência, que haveria de acabar com a destruição colectiva após a Segunda Guerra Mundial. Mas, de fato, o verdadeiro problema era a destruição dos valores –da mesma razão– o que alimentava a loucura política e a luta pela vida. Neste contexto Weil vira-se à épica homérica para se confrontar ao lado vulnerável da explosão da energia, a força da violência, que enlouquece e prende a alma humana desde a etapa mítica. Neste sentido, a comunicação pretende reparar nessa força como denominador própria da épica não só como representação de desgraça (*malheur*) da humanidade, mas como força destabilizadora confundida com a desmesura (*hybris*) que, para os antigos gregos, era o castigo contra a virtude do equilíbrio vital. Assim, a pensadora francesa percebeu o poema homérico na sua natureza humana e, por isso, na sua infinita recordação destrutora.

Nota curricular:

Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade de Granada com a tese de doutorado titulada *Formas de la razón berida. Genealogía y transición de la memoria como categoría del pensamiento crítica* (2015). Nesta mesma universidade fez especialização em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (2009) e, com antecedência, licenciou-se em Jornalismo na Universidade de Sevilla (2003). Atualmente é professor do curso de Literaturas Comparadas na Universidade de Granada (UGR). Os seus interesses no âmbito da investigação focam-se no pensamento crítico em torno da literatura, assim como a sua relação com a Teoria e a Estética literárias.

António Manuel Ferreira

DLC/CLLC, Universidade de Aveiro

Nas margens da guerra: Volfrâmio, de Aquilino Ribeiro

Palavras-chave: Aquilino Ribeiro, guerra, exploração, Portugal, ecologia, mundo rural.

No romance *Volfrâmio* (1943), Aquilino Ribeiro põe em causa a neutralidade de Portugal durante a II Guerra Mundial. Tendo como tema central a exploração desenfreada do volfrâmio, o escritor elabora um retrato amargo da sociedade portuguesa salazarista. O romance é atualíssimo, nomeadamente no que diz respeito às questões seguintes: a guerra na Europa, a natureza predatória do capitalismo, o desrespeito pela natureza.

Nota curricular:

António Manuel Ferreira é professor associado com agregação na Universidade de Aveiro. Organizou a edição das Obras Completas de Branquinho da Fonseca, publicadas pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda em 2010, em defluência da sua tese de doutoramento, igualmente editada pela Imprensa Nacional, em 2004: *Arte Maior: os contos de Branquinho da Fonseca*. Fundou e dirige a revista *forma breve*. Em 2012, publicou o livro de ensaios *Sinais de Cinza: Estudos de Literatura* (Guimarães: Opera Omnia).

Artur Ilharco Galvão

Universidade Católica Portuguesa

Susana Vilas Boas

Facultad de Teología, Universidad Loyola, Granada, España

A transmutação da figura do guerreiro: do humano heroico ao transhumano invencível

Palavras-chave: humano, transhumano, herói, Aquiles, fúria, guerreiro.

Em 2020, o painel da comissão de bioética militar do exército francês deu luz verde para o desenvolvimento de melhoramentos tecnológicos para os seus militares, com vista a manter a superioridade operacional dos mesmos. Estão a desenvolver-se experiências para aumentar as capacidades físicas e cognitivas, bem como desenvolver tratamentos para prevenir e diminuir a fadiga, o *stress* e a dor. Este passo recorda a figura Aquiles – *o mais bravo dos guerreiros* –, pois este, conforme relata Eustácio na *Aquileida*, foi melhorado pela sua mãe Tétis no rio Estige com vista a torná-lo invulnerável, complementando-o com a armadura feita por Hefesto.

Esta noção da ‘produção’ de um guerreiro invulnerável era polémica entre os Gregos. Homero tende a fornecer um retrato retraído do herói, despojando-o das características extra-humanas, mágicas e ilógicas, atribuídas por muita da tradição literária, para destacar a sua faceta humana, particularmente as lutas próprias da condição de ser humano mortal e em conflito com o seu destino. As marcas de um genuíno guerreiro.

O transhumanismo tem por princípio fundamental a liberdade morfológica - a ideia da auto-propriedade do corpo e do direito de o modificar de acordo com os desejos de cada um. Este movimento aspira à modificação radical do ser humano por intermédio da genética, cibernética, engenharia digital, etc., estendendo a saúde e, conseqüentemente, a vida ao máximo que for possível (quem sabe, até atingir a imortalidade). Uma ideia central é a de que o melhoramento fisiológico e psicológico conduzirá a um melhoramento moral.

A nossa tese segue a via contrária. Apoiando-nos na mitologia de Aquiles proposta por Homero, defendemos que a fabricação mecânica do guerreiro conduzirá a uma radical alteração moral e espiritual do mesmo e a uma perversão daquilo que fez de Aquiles o herói imortal: a consciência e a aceitação plena da sua humanidade.

Notas curriculares:

Artur Ilharco Galvão é docente na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa, bem como membro da direção da *Revista Portuguesa de Filosofia*.

Susana Vilas Boas é doutorada em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa. Tem várias publicações científicas na área e é membro da Associação Europeia de Teólogos Católicos.

Brooke McArdle

New York University, Department of Classics

Proverbial and Ritual Compensation in Homer's Iliad

Key words: Achilles, Briseis, ritual, compensation, *geras*, *menis*.

While much scholarship has focused on the use of the Greek word γέρας in relation to the seizure of Achilles' war prize, Briseis, other occurrences of the term in the *Iliad* have seldom been analyzed. Though scholars agree that the word γέρας originated in Mycenaean contexts, it is substantially used in Homer and contemporary discourse such as Hesiod (Nagy 1979). The giving or conferral of a γέρας is a symbolic exchange that both actualizes and is proportionate to an individual's status (Wilson 2002). For the heroic figures of Homeric epic, the bestowal of a γέρας is compensation for premature death and life-risking endeavors (Pucci 1998).

The word γέρας appears thirty-one times in the *Iliad* and two-thirds of its usages apply to a compensatory war prize. However, the remaining mentions are proverbial in nature, translated often in these contexts as "privilege" rather than "war prize" (Murray 1999). These usages appear in the following formulae: "this is the privilege of the elders" (*Il.*4.323, 9.422), "[the immortal gods] receive this as a privilege" (*Il.*4.49, 24.70), and "this is the privilege of the dead" (*Il.*16.457, 16.675, 23.9). Though these proverbial expressions have different contexts, they are all affiliated with ritual (Garland 1984).

The giving of a γέρας has been likened to the gifts bestowed during scenes featuring *xenia*, ritual hospitality (Newton 2009). Viewed through a similar lens of ritual, the proverbial uses of γέρας in the *Iliad* are entirely intentional, serving a signposting function to remind the audience of Agamemnon's seizure of Achilles' γέρας. The seizure of Briseis demonstrates a violation of ritual compensation (γέρας), serving as a parallel to the stealing of Helen, a violation of *xenia*. By framing discussions of γέρας within a ritual context, this project seeks to reexamine Achilles' wrath and the compensatory tendencies of Homeric society.

Bibliography

- Garland, R.S.J. "Γέρας θανάτων: An Investigation into the Claims of the Homeric Dead." *Ancient Society* 15/17 (1984-1986): 5-22.
- Murray, A.T. *Iliad Books 1-12, LCL 170*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- Nagy, Gregory. *The Best of the Achaeans*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1979.
- Newton, Rick. "Geras" In *Reading Homer: Film and Text*, ed. Kostas Myrsiades, 58-88. Madison: Fairleigh Dickinson University Press, 2009.
- Pucci, Pietro. *The Song of the Sirens*. Lanham: Rowman and Littlefield Publishers, Inc., 1998.
- Wilson, Donna. *Ransom, Revenge, and Heroic Identity in the Iliad*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

CV:

Brooke McArdle is a first-year PhD student in the Classics department at New York University. She has published in undergraduate journals as well as in *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*. She has also presented at several conferences for Classics, History, and Assyriology. Her primary research interest includes Homeric reception of Near Eastern ritual motifs, specifically hospitality customs and similar rituals in Akkadian literary texts.

Bruno Henriques

Carlucci American School of Lisbon

Na pegada de Aquiles? Ben, o canalha

Palavras-chave: Aquiles, Ben, coragem, cobardia, guerra, herói.

Na *Iliada*, Aquiles recusa-se a participar na peleja, porque Agamémnon toma para si Briseida, despojo de guerra do rei das mirmidões. Será este facto, sobejamente conhecido, o precedente literário que Ben, o protagonista de *The Merry Seat*, actualiza? Escrita por Neil Labute no rescaldo do ataque às torres gémeas, esta peça de 2002 explora os limites do egoísmo humano: Ben e Abby aproveitam o pó a que milhares de compatriotas foram reduzidos, para desfiar filosofia barata na alcova extraconjugal. Tal como Aquiles, que abandona os gregos por despeito, Ben ignora a tragédia nacional e familiar por egoísmo. No entanto, Aquiles continua a ser um herói, Ben, para muitos, um canalha pusilânime. Nesta comunicação, tentarei aferir as razões subjacentes a esta discrepância.

Nota curricular:

Sou licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, variante em Estudos Portugueses e Ingleses (2004). Concluí, em 2006, o Ramos de Formação Educacional e, em 2009, o Mestrado em Literatura Contemporânea. Fui bolsheiro de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e, em 2017, doutorei-me em Estudos Comparatistas. Todos os graus académicos foram obtidos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Neste momento, sou professor do Ensino Básico e Secundário na Carlucci American International School of Lisbon.

Carlos Mesquita Severino

Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Aquiles na Royal Academy of Arts durante os séc. XVIII-XIX: alguns exemplos

Palavras-chave: Aquiles, artes plásticas, Reino Unido, *Royal Academy of Arts*, representação, iconografia.

Quando consideramos os poemas homéricos, Aquiles é uma figura que se destaca pela sua *ἄρετή*, mas também pelo seu capricho; pelo seu amor, mas também pela sua crueldade. Nesse sentido, o herói da *Iliada* surgiu nas artes plásticas inglesas com alguma frequência, embora não tão grande como se esperasse, o que se verifica, por exemplo, quando se pesquisa o nome de Aquiles nos catálogos da *Royal Academy of Arts* (RAA).

Deste modo, propomo-nos contextualizar e analisar alguns dos exemplos da representação deste herói clássico nas exposições da RAA durante os séculos XVIII e XIX, altura em que o ciclo troiano adquire cada vez mais atenção na literatura e nas artes.

Nota curricular:

Carlos Mesquita Severino é professor de português e línguas clássicas no quadro da Região Autónoma dos Açores, em Angra do Heroísmo. Licenciado e mestre em Estudos Clássicos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com a tese *Representações das Metamorphoses de Ovídio em J. W. Waterhouse*, é também pós-graduado em Cultura Portuguesa Contemporânea. Tem-se dedicado, entre outros aspetos, ao ensino e formação de adultos.

Carlos Pereira

CH-UL, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

*Por uma mulher.
Receção de um tópico homérico
nos Atos de Paulo e Tecla*

Palavras-chave: Agamémnon, amor, Aquiles, Briseida, ciúme, cólera.

Briseida, o nome de uma donzela referida na *Ilíada*, «cuja beleza igualava a da dourada Afrodite» (*Il.* 19.282), é a personagem principal que serve de ponto de discórdia na teia de relações entre Aquiles e Agamémnon. No ataque a Lirnesso, o guerreiro Aquiles capturou a bela jovem, por quem se afeiçoou. No entanto, o rei de Micenas quis recuperar a donzela Briseida, o que fez aumentar ainda mais a cólera do herói. Aquiles acusa Agamémnon de ter ficado com a mulher que lhe suscitava maior interesse. Para acalmar a ira de Aquiles, o ancião Nestor, que desaprovava a atitude do Atrida, aconselha-o a oferecer presentes ao guerreiro lesado. Agamémnon faz um juramento em que restitui Briseida a Aquiles, confessando ainda nunca se ter deitado com ela na cama (*Il.* 19.262). Os *Atos de Paulo e Tecla*, um texto apócrifo do século II d.C., narram a história de uma jovem, também ela bela e importante, chamada Tecla, que vivia em Iconio. Tamírides era um homem de relevo da cidade a quem Tecla fora prometida em casamento. Porém, com a chegada do apóstolo Paulo, os planos mudaram radicalmente. A jovem abdica do enlace matrimonial e abraça o cristianismo. Como consequência, ela é condenada à fogueira. Escapando à sentença, Tecla vai para Antioquia da Pisídia, onde se cruza com Alexandre, outro homem que a cobiça e se perde de amores por ela, mas sem sucesso. O resultado foi uma nova condenação, desta feita *ad bestias*. Face ao caos que se tinha gerado, o governador decide libertá-la. Tanto na história de Briseida como na de Tecla, realça-se o facto de ambas terem mantido a honra. Com este trabalho, pretendemos estudar a possível receção do *topos* homérico no texto apócrifo, em que uma mulher bela é disputada por vários homens movidos pelo amor e, simultaneamente, pelo ciúme.

Nota curricular:

Carlos Pereira é Licenciado em História, Mestre em História, especialidade História Antiga, e Doutorando em História, na mesma especialidade, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tem-se dedicado ao estudo da literatura apócrifa cristã primitiva, com particular ênfase nos *Atos dos Apóstolos*, e à sua relação com outro tipo de produções literárias, nomeadamente o romance grego dos séculos I-III d.C.

Carmen Morenilla

Universidad de Valencia, España

Aquiles y el final no casual de la Ilíada

Palabras clave: Aquiles, heroicidad, identidad en el dolor.

Con frecuencia ha sido considerado Aquiles el héroe por excelencia. Sin negar que es el protagonista real de la Ilíada, consideramos que es un personaje con aristas, más complejo de lo que se suele ver. Estudiaremos sus cambios de opinión y sus reacciones.

CV:

Catedrática en Filología griega de la Universitat de València. Desde sus inicios Aristófanes se ha ocupado del teatro clásico y de su pervivencia. Es directora del GRATUV (Grup de Recerca i Acció Teatral de la Universitat de València), miembro del Centro de Estudios Clásicos e Humanísticos de la Universidade de Coimbra. Ha dirigido proyectos de I+D del Ministerio de Investigación y en la actualidad es miembro del METra: Mapping Epic in Tragedy, proyecto de I+D dirigido por Andrea Rodighiero.

Célia Mafalda Lopes das Neves Gomes de Oliveira

Associação de Professores de Latim e Grego (APLG)

Briseida a Aquiles: o desespero do abandono

Palavras-chave: Briseida, Aquiles, carta, Mulher, Ovídio.

Briseida, a cativa, escreve ao seu senhor e marido – Aquiles. Num tumulto de sentimentos, esta mulher evoca e manifesta o que sente numa carta, que é de separação, ausência e amor. É, assim, que Ovídio lhe dá voz em *Heroides*.

Nota curricular:

Presidente da Associação de Professores de Latim e Grego (Portugal), Doutoranda em Estudos Clássicos - Ramo Mundo Antigo - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Professora do 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário no Agrupamento de Escolas de Condeixa-a-Nova (em mobilidade na Associação de Professores de Latim e Grego).

Christian Werner

Universidade de São Paulo, Brasil

*Beleza na guerra?
Tensão entre canto e violência na Ilíada de Homero*

Palavras-chave: Homero, Ilíada, Aquiles, estética, violência.

Se combates são a matéria sem a qual a *Ilíada* seria outra coisa, então o clímax do poema é o enfrentamento entre o melhor dos aqueus e o melhor dos troianos, Aquiles e Heitor. Todavia, sob mais de um ponto de vista – do poema como experiência estética ou a partir de sua estrutura narrativa – pode-se defender que nada é mais admirável nessa composição que o encontro entre Príamo e Aquiles em seu último canto. Minha proposta é discutir a textura dessa passagem a partir de duas estratégias complementares, quais sejam, a discussão da tensão entre a beleza (física) e seu oposto no arco narrativo que vai da morte de Euforbo no início do canto 17 até a referida cena no último canto do poema, e aquela da tensão entre criação e destruição, canto e morte na sequência de vinhetas que compõem o escudo de Aquiles. Nos dois casos, não se trata (apenas?) de uma versão da contraposição típica de qualquer guerra, aquela entre vencedores e derrotados, sofrimento e triunfo, vivos e mortos (*Il.* 4.446-51). O objetivo principal será explorar aspectos do paradoxo central do poema, a sua proposta de uma experiência prazerosa por meio de uma matéria plena de dor e sofrimento da qual escorre sangue, paradoxo resumido na imagem do colérico Aquiles deleitando-se ao produzir um canto com a esplêndida lira de uma cidade saqueada e destruída.

Nota curricular:

Christian Werner é professor de Língua e Literatura Grega na Universidade de São Paulo desde 2002. Publicou a monografia *Memórias da Guerra de Troia: a performance do passado épico na Odisseia de Homero* (Coimbra/São Paulo, 2018) e traduções da *Odisseia* (São Paulo, 2014; 2.^a ed. 2018) e da *Ilíada* (São Paulo, 2018), além da *Teogonia e Trabalhos e dias* (São Paulo, 2013; 2.^a ed. no prelo).

Edith Hall

University of Durham, UK

Achilles vs. Elemental Forces: Iliad Book 21 in an age of ecological anxiety

Keywords: Achilles, elements, ecology, river, fire.

In emphasising the human suffering and the cost of militarism in the *Iliad*, the interpretation familiar today has tended to overlook the phantasmagoric description of Achilles' violent encounter not with Trojans but with the overwhelming supernatural force of the waters of the Trojans' rivers and the element of fire itself. The visions of apocalyptic destruction by the raging elements are the products of the age when the Bronze-Age foundation of the conditions that may eventually wipe out organic life was first established. As the cost of the war in Ukraine not only in terms of human fatalities but the environment becomes increasingly clear, this lecture offers a reading of Book XX1 of the *Iliad* that focusses on the tension between Achilles' human and semi-divine view of the place of humanity in the natural world and the wider cosmos. In Achilles' struggle with flood and fire we can feel an anticipation of the ecological catastrophes that may yet await us.



https://en.wikipedia.org/wiki/Simoeis#/media/File:Achilles_Xanthos_Simoeis_Couder_decoration_Louvre_INV3379.jpg

CV:

Edith Hall is Professor of Classics at the University of Durham. She has previously held appointments at Oxford, Reading, Cambridge and London Universities. She is also Consultant Director of the Archive of Performances of Greek and Roman Drama at Oxford. She is the recipient of the Erasmus Medal of the European Academy, an Honorary Doctorate from the University of Athens, and Honorary Citizenship of Palermo. The most recent of her 35 books are *Tony Harrison: Poet of Radical Classicism* (Bloomsbury 2021), *A People's History of Classics* (Routledge 2020, with Henry Stead) and *Aristophanic Humour* (Bloomsbury 2020, co-ed. with Peter Swallow).

Erik Van Achter

KU Leuven, Belgium / CLP, Portugal

William Allison

Bristol School of Medicine, United Kingdom

Achilles' Death: Rigor Mortis in Absentia Corpus. A "Cold Case Scenario"

Keywords: Achilles's heel, calcaneus tendon, poison in antiquity, forensic pathology.

Even though the study of anatomy has readily accepted the notion of the Achilles' heel, modern medicine would vehemently refute the idea of an arrow killing a human being while piercing through the calcaneus tendon. And yet, as of Publius Papius Statius' *Achilleid*, based on earlier fragments now lost, through art, paintings and sculpture alike, the idea that the Greek warrior was killed by Paris' arrow in the heel has become generally accepted, so much so that it has become a metaphor in daily language usage: the weakest spot.

Rather than harking back to the Iliad (where Achilles' death is not even mentioned) the present contribution questions the aforementioned tradition of Achilles' death, considering it a cold case and thus legitimizing the methodology of forensic pathology, i.e. logical deduction and mutual exclusion. However, in *absentia corpus* and without any traceable DNA available, the investigation's weight bears on all other evidence obtainable which will be meticulously examined and related to the findings of modern pathology.

The medical approach here taken, uncommon in the study of literature, will reveal new insights into Achilles' death. It will equally reveal new information about the victim and the killer, as can be expected from a cold case examination. The present study will additionally provide pathways to re-assess circumstances and conditions leading up to the tragedy showing that ascribing every little event to a divine – and malign !- intervention from Mount Olympus is probably an over simplification where an interdisciplinary approach can offer new answers.

CV:

Erik Van Achter is a senior lecturer at KU Leuven (Flanders, Belgium) while being a member of the Centro de Literatura Portuguesa (Coimbra University- Portugal). Erik Van Achter holds a PhD from Utrecht University (The Netherlands) on short fiction theory and was a postdoctoral fellow at Brown University (U.S.A). He has mainly concentrated on literary theory and Portuguese literature. He is currently studying medicine.

William Allison is a last year student at the Bristol School of Medicine (United Kingdom) with an interest in reading the classics, especially when dealing with medicine and healing. William has taught as a guest lecturer at KU Leuven for the Erasmus Mundus Master Students – Food and Nutrition, focusing on food pathologies. Recently William has been selected by the Bristol School of Medicine to go Tanzania for clinical work in Hospitals.

Evelia Arteaga Conde

Universidad Autónoma de la Ciudad de México

Discursos fúnebres de Aquiles y Andromaca en la Ilíada: división de sexos, no marginación

Palabras clave: Discursos fúnebres, Aquiles y Patroclo, Andrómaca y Héctor, ámbitos masculino y femenino.

Debido a que, como dice P. Vidal-Naquet (*El mundo de Homero*, 2007, p. 45), la *Ilíada* es el poema de la guerra, la muerte y lo que gira en torno a ella resultan de particular interés, tal es el caso del análisis de las palabras que se dirigen a un difunto, las cuales, en general, no reflejan elementos personales, sino concepciones generales de una sociedad.

En la presente comunicación se revisarán comparativamente los discursos fúnebres que, en ese poema, Aquiles y Andrómaca dirigen a los cadáveres de Patroclo (XVIII.324-342) y de Héctor (XXIV.725-745) respectivamente. El análisis se centrará en las visiones que estos personajes tienen sobre los ámbitos masculino y femenino, incluidas las emociones (como el amor, la culpa, la desesperanza y la venganza) y la perspectiva del futuro.

Esta comparación tiene como finalidad mostrar que tanto los puntos en común como las diferencias conforman una visión uniforme que, aunque refleja una división entre los sexos, no implica una marginación hacia el femenino, tal como afirma M. A. Katz: “en los poemas homéricos la dicotomización de los roles, los atributos y las esferas de actividad es mucho menos rígida, y la oposición entre los dominios ‘público’ y ‘privado’ es posiblemente inexistente” (*The divided world of Iliad VI*, 1981, p. 19).

En un segundo momento, a partir de las conclusiones anteriores, se hará un breve repaso de lo que Ifigenia (en *Ifigenia en Aulide* de Eurípides) le dice a su madre Clitemnestra al momento de aceptar su sacrificio (vv. 1368-1401), el cual también tiene como contexto mitológico la guerra de Troya. Esta segunda comparación se usará para remarcar que en la sociedad homérica la división de sexos no era tan radical como la que transmitieron diversos autores en época clásica.

CV:

Soy doctora en letras clásicas por la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Desde el año 2006 soy profesora-investigadora de tiempo completo en la Universidad Autónoma de la Ciudad de México y también impartí clases en la UNAM. Tengo publicaciones sobre la Antigüedad clásica en revistas especializadas. He participado en diversos congresos nacionales e internacionales con ponencias relativas a la concepción de la muerte en la cultura griega arcaica y clásica.

Francesco De Martino

Universidad de Foggia, Italia

La ira de Aquiles y el proemio de la Iliada

Palabras-chave: Aquiles, ira, Homero, *Iliada*, proemio, polémica.

Si sólo hubiera quedado el proemio de la *Iliada*, quién sabe cuánto habríamos fabulado sobre un poema heroico psicoemocional. La ira de Aquiles es una genial invención homérica. Destacada como primera palabra del proemio (μῆνιν), fue estudiada junto con la segunda (ἄειδε) por Protágora (A 28-29 D.-K.), pero sólo desde el punto de vista gramatical. El título Ἰλιάς, a quienquiera se remonte, ignora la ira, como si fuera un poema sobre la conquista de una ciudad como la *Tebaida*. La ira de Aquiles se canta durante poco más de 200 versos y el propio Aquiles es un protagonista "latente", como era típico de Homero, porque incluso en la *Odisea* Odiseo tarda en aparecer. Sabemos más del escudo de Aquiles que de su ira, nada comparable a otras iras fatales más llamativas (Artemis en las *Ciprias* o Heracles, Medea, Ajax). Subrayada en el proemio, la ira de Aquiles es sólo la última de una serie, la ira de Agamenón, de Crises y de Apolo, esta si verdaderamente fatal en los días de la peste. También el proemio de la *Iliada de Homero en el ciclo* (p. 64 Bernabé²) confirma que la ira no fue exclusiva de Aquiles: "ahora decidme, Musas [...], / cómo μῆνις y χόλος tomaron el Pelida / y el espléndido hijo de Leto. De hecho, está enfurecido (χολωθεῖς) con el rey...". Más que furioso, Aquiles está polémico, como con Agamenón en Tenedus (*Cypr. Arg.*, p. 41.52 Bernabé², cf. S., fr. *566 Radt²), y luego con Odiseo en la pelea cantada por Demódoco (*Od.* 8.74-82). Polémico pero sorprendentemente razonable y humanitario, como en el episodio con el viejo Príamo en el libro XXIV, incluso excéntrico como en el libro IX, donde exhibe más que la ira la lira, tocándola como si estuviera en tiempo de paz.

CV:

Alumno de Carlo Ferdinando Russo, Francesco De Martino es catedrático (jubilado) de Literatura griega (Universidad de Foggia) y director de la serie "le Rane" (Levante, Bari, y ahora Aracne, Roma). Promovió y editó un comentario sobre líricos griegos (*Lirica greca*, 1-3, 1996, con O. Vox) y la versión abreviada por Laterza (*La musa e il canto: antologia di lirici greci*, 1995², 1997²), y volúmenes sobre aspectos olvidados de la cultura antigua: *Lo spettacolo delle voci* (1995) y *Studi sull'enfemismo* (1999), en colaboración con A.H. Sommerstein, *Poetesse greche* (2006), *Mito e caricature e Abiti da mito* (2008), *Medea istantanea. Miniature, incisioni, illustrazioni* (2009), *Antichità & pubblicità* (2010), *Puglia mitica* (2012). Con Carmen Morenilla editó veintidós volúmenes (1999-2018) sobre teatro clásico y su pervivencia en la cultura occidental.

Gabriel A. F. Silva

Centro de Estudos Clássicos Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Aquiles e a achillea

Palavras-chave: Aquiles, medicina, farmacologia, tradição médica.

É indiscutível que a mitologia greco-romana, em geral, e o mito de Aquiles, em particular, influenciaram, nas mais variadas vertentes, o mundo ocidental: da escultura à pintura, passando, naturalmente, pela literatura. Essa influência não passou, também, despercebida à literatura médica produzida desde a Antiguidade. Dos vários episódios e mitos narrados sobre Aquiles, destaco, para esta comunicação, a presença de Aquiles na medicina e na farmacologia graças ao uso de uma planta de propriedades medicinais que recebeu o nome do herói grego: a *achillea*. Será, então, o meu objectivo analisar o conteúdo das fontes antigas (Dioscórides, Plínio-o-Velho, Pseudo-Apuleio, entre outras) sobre a etimologia desta planta e, também, perceber a sua recepção nas literaturas médica e farmacológica dos séculos posteriores, até ao Renascimento. Pretende-se, assim, dar um contributo sobre o mito e a figura de Aquiles numa vertente que pouca atenção tem merecido da parte dos estudiosos.

Nota curricular:

Gabriel A. F. Silva (Dout. 2018, UL) é investigador no Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa e actualmente trabalha no projecto “Gynecia: Rodrigo de Castro Lusitano e a tradição médica antiga sobre ginecologia e embriologia”. As suas publicações mais recentes incluem “Vt cecinit poeta: The presence of Virgil in Rodrigo de Castro’s *De uniuersa mulierum medicina*” (*Graeco-Latina Brunensia* 26.1) e “Magic and Memory: Dido’s Ritual for Inducing Forgetfulness in *Aeneid* 4 (*Mnemosyne* 74.6).

Giuliana Ragusa

Universidade de São Paulo, Brasil

*De lutas e lutos, de cóleras e vinganças:
Meleagro na poesia grega arcaica*

Palavras-chave: Meleagro, guerra, cólera, vingança, luto, poesia grega.

Uma das cenas mais marcantes da *Iliada*, no episódio famoso da embaixada a Aquiles no canto IX, enviada por Agamêmnon para trazê-lo de volta à guerra que, colérico, abandonou no canto I, é protagonizada pelo velho tutor do herói, Fênix, que, recordando uma antiga tradição de todos conhecida, traz à epopeia a figura de Meleagro e os acontecimentos em torno de si, a partir do crime de seu pai, Eneu, rei da Calidônia, da punição de irada Ártemis, e da cólera vingativa de sua mãe, Altaia. A própria cólera desse herói comparável a Aquiles, que o isola dos seus, é o gancho para a aproximação, e a mensagem do relato é suficientemente clara: a importância de ceder na ira quando os custos são altos demais, como fez Meleagro – mas não fará Aquiles. Trata-se de nossa primeira fonte para as narrativas do chamado ciclo etólio-eleano-pílio, que nos conduz tanto aos mundos da caça e da guerra, quanto às complexas relações entre homens e deuses e aquelas travadas dentro da família. Séculos mais tarde, a mélica de Baquilides, no *Epitáfio* 5, retoma a figura de Meleagro e o coloca diante do maior herói grego, Hércules, no Hades. No diálogo que travam, aqueles acontecimentos que Fênix recupera no relato épico retornam, mas sem que o herói seja agente da cólera que move as ações encadeadas de Ártemis e de Altaia. Antes, ele é vitimado por elas, a despeito de sua impressionante potência guerreira. Pretende esta fala discutir as imagens de Meleagro na trama que enlaça lutas e lutos, cólera e vingança, centrando-se nas obras referidas e considerando outras da poesia arcaica e clássica que trazem elementos pontuais e relevantes, mesmo se fragmentárias.

Nota curricular:

Giuliana Ragusa é Professora Associada (Livre-Docente) de Grego da Universidade de São Paulo, em que realizou sua formação. Fez pós-doutorado na University of Wisconsin (Madison, EUA) com apoio FAPESP. Coordena o Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas. Dedicam-se sobretudo à poesia arcaica as suas publicações, sobretudo à mélica e à elegia, cujos poetas tem traduzido – os elegíacos, em parceria com Rafael Brunhara (UFRGS).

Hans Ausloos

F.R.S.-FNRS / Université catholique de Louvain, Belgique

*Samson's Hair.
The Achilles' Heel of a Biblical Character*

Keywords: Achilles, Old Testament, Samson, intertextuality.

For centuries, scholars have been looking for similarities between biblical and extra-biblical literary traditions. In this respect, much research has already been done on possible relations between themes and figures in Homer's Iliad on the one hand and in the Bible, i.e. the Old Testament, on the other one.

Without trying to claim literary interdependency, this paper will particularly focus on some similarities between the presentation of Achilles in classical Greek literature, and the character of Samson in the Old Testament book of Judges. Both literary heroes have at least one trait in common: saved by his heel – by holding Achilles by his heel when plunging him in the Styx river, his mother Thetis prevented him from death – that same heel would prove to be his weak point. Similarly, being a sign of his strength and protection by God, the biblical Samson's hair would become the direct cause of his death.

CV:

Hans Ausloos holds a PhD / STD in Theology (KU Leuven, Belgium). He is Professor of Old Testament exegesis at the Université catholique de Louvain (Belgium) and *Maître de recherches* at the Belgian Research Foundation (F.R.S.-FNRS). He has published many books and articles in scientific journals and series, as well as numerous contributions on the Bible for a broader audience.

Helena Maria da Silva Santana

Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro

Maria do Rosário da Silva Santana

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Música e Conflito: A Superação do Trauma através da obra de Arte em Cândido Lima

Palavras-chave: Cândido Lima, música portuguesa, Guerra Colonial, memórias de guerra, superação, cultura africana.

Sabendo que o compositor português Cândido Lima viveu a realidade da Guerra Colonial, pretendemos mostrar de que forma algumas das suas obras revelam nos seus conteúdos estético imagísticos, a influência desta sua vivência e as características do universo sonoro afro-guineense. A sua permanência no continente africano permitiu-lhe o contato com outra realidade musical, tanto na sua vertente criativa como interpretativa. A proliferação de manifestações sonoras, tanto em simultâneo como de forma individual, a riqueza rítmica, harmónica e melódica que denotam, deslumbra o compositor. O transe nelas presente, o encantatório do som, da cor, da dança, do grupo; a riqueza tímbrica, colorística, gestual e gutural de algumas vivências sonoras com que a realidade sonora e musical africana o premeia, tornar-se-ão elementos que nunca mais esquecerá, e que se manifestarão, seja de forma clara, seja subliminarmente, em muitas das suas obras. O próprio compositor assume esta e outras influências. Os títulos que empresta às suas criações, de que são exemplo *Nô*, *African Rhythms*, *Ritos de África*, *Missa Mandinga*, *4 Canções de Timor*, *Canções de Ur*, *Ncâncôa* ou *Nanghê*, mostram um universo imbuído de conteúdos imagísticos onde as estruturas e técnicas que desenvolve ao longo do seu discurso musical, retratam a África e a Guerra Colonial.

Assim, nesta comunicação pretendemos mostrar de que forma as realidades históricas, sociais, étnicas e artísticas dos universos português (minhoto) e africano (guineense), concorrem para a realização de um universo imagético-sonoro e de objetos sonoros e artísticos únicos na obra musical do compositor português Cândido Lima. É também nossa intenção mostrar como Cândido Lima intenta superar o trauma e o conflito interior que daí resulta, através da criação artística, e da conceção de um conjunto de obras musicais de inegável valor musical.

Notas curriculares:

Helena Santana estudou Composição Musical na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto. Em 1998 obteve o grau de Docteur na Universidade de Paris-Sorbonne (Paris IV). Desde 2000, desempenha as funções de Professor Auxiliar no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro. Pertence à unidade de Investigação Inet-MD.

Rosário Santana estudou Composição Musical na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto. Em 1998 obteve o grau de Docteur na Universidade de Paris-Sorbonne (Paris IV) defendendo a dissertação intitulada - “Elliott Carter: le rapport avec la musique européenne dans les domaines du rythme et du temps”. Desde 1999, desempenha as funções de Professora Coordenadora na Escola Superior de Educação Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda. Pertence à Unidade de Investigação INET-MD.

Ignacio Roldán Martínez

Universidad Internacional de la Rioja / Grupo de Investigación Innovación, Identidad y Literaturas en Español (INILE)

La Historia suspendida en los discursos de Lions for lambs de Robert Redford

Palabras clave: Guerra de Afganistán - soldado - discurso - Historia - espacio narrativo - interpretación

Lions for Lambs (2007) de Robert Redford, fue filmado seis años después de la caída de las Torres Gemelas, la cual dio lugar a la invasión de Afganistán e Irak por parte de una coalición occidental. Es, según declara el director y se aprecia en el guion de Carnahan, una reflexión sobre las causas del desconcierto que parece imperar en la sociedad estadounidense y una llamada a que la juventud asuma su responsabilidad en la construcción del mañana. Catorce años después del estreno de la película, Occidente ha abandonado de manera vertiginosa Kabul, interpretando una retirada que en el imaginario de Occidente recuerda a la de las últimas legiones romanas frente a los bárbaros; y en el que, además, la Rusia de Putin ha invadido Ucrania, país fronterizo con países de la OTAN y de la Unión Europea, trayendo de nuevo la guerra a un continente cuya reciente identidad se ha elaborado en torno a la paz. La trama se desarrolla en tres espacios: la oficina de un senador con aspiraciones presidenciales, entrevistado por una veterana periodista televisiva; el despacho de un profesor universitario, que anima a un alumno con talento, pero de comportamiento frívolo, a asumir sus responsabilidades; una cumbre nevada y nocturna de Afganistán, en la que dos soldados, uno de color y otro hispano, han quedado cercados por los talibanes. Tanto las suaves transiciones de un espacio a otro como la articulación de los distintos discursos -político, periodístico, docente y cívico militar- confieren unidad a la acción. Sin embargo, la pregunta de cuál de los tres discursos es el más congruente con la realidad (el del desencanto, el de la certidumbre o el de la soledad ante la muerte) queda sin respuesta. De esta manera, la interrelación de los discursos nos entrega un significado que se caracteriza por su apertura y, por lo tanto, por su indefinición: la Historia queda en suspenso.

CV:

Doctor por la Universidad de Navarra y profesor de la Universidad Internacional de La Rioja. Forma parte del grupo de investigación Innovación, Identidad y Literaturas en Español (INILE). Sus publicaciones se centran en la literatura paraguaya, en la identidad en relación con el espacio narrativo en la literatura y en el cine, y en los ecos de la tradición de Occidente en la voz que se dirige a Dios en la poesía contemporánea.

Iria Pedreira Sanjurjo

Universidade de Santiago de Compostela, España

Lisístrata ou de cando as mulleres reviraron, un híbrido aristofánico contra la guerra

Palabras clave: comedia griega, Aristófanes, *Lisístrata*, *Asamblea de las mujeres*, tradición clásica, teatro gallego.

La reescritura y reelaboración de los modelos vinculados a la Antigüedad Grecolatina es una constante en el teatro gallego contemporáneo desde la segunda mitad del siglo XX. Los temas mitológicos, históricos, cómicos o filosóficos inspiran una parte importante de los dramas gallegos que se publican y/o representan desde la década de los 50 del siglo pasado hasta nuestros días e incluso pueden servir a sus dramaturgos y dramaturgas para entablar un diálogo con su actualidad a través del paradigma canónico de lo clásico.

Lisístrata ou de cando as mulleres reviraron (1997) de Eduardo Alonso y Manuel Guede Oliva es un claro ejemplo de esto último, una nueva versión que empareja dos obras del poeta cómico Aristófanes, *Lisístrata* (411 a.C.) y *La asamblea de las mujeres* (392 a.C.), y que se vale de la reinterpretación de ambos textos clásicos para explorar en la escena las alternativas al poder establecido, el discurso antibélico y pacifista o el rol que deben asumir las mujeres en la resolución de las problemáticas sociales y políticas que les atañen.

En esta comunicación se intentará ofrecer una lectura crítica y analítica de esta reelaboración gallega de las obras de Aristófanes, prestando mucha atención a su contexto de producción y su repercusión dentro de su sistema teatral, así como a las relaciones de intertextualidad existentes entre la nueva pieza de Alonso y Guede y sus hipotextos de referencia, la recaracterización de los arquetipos cómicos, la introducción de elementos innovadores tanto en los aspectos formales como en el plano argumental o las nuevas lecturas reivindicativas y emancipadoras que los dramaturgos gallegos aportan a las subversiones utópicas del célebre comediógrafo griego, especialmente en lo que concierne al mensaje contrario a la guerra.

Mini CV:

Grado en Filología Clásica (Universidad de Santiago de Compostela, 2013). Máster en Textos de la Antigüedad Clásica y su Pervivencia (Universidad de Salamanca, 2014). Doctorado *cum laude* en el Programa de Textos de la Antigüedad Clásica y su Pervivencia (Universidad de Santiago de Compostela, 2019). Máster de formación del profesorado (UNED, 2021). Traductora de textos griegos al gallego (*Caracteres* de Teofrasto, 2017; *Ión*, *Cíclope* de Eurípides, 2021).

Isabel Santos

Centro de História da Universidade de Lisboa

Amor e ódio em contexto bélico *Estudo de caso: Aquiles, o herói de sentimentos intensos e extremos*

Palavras chave: Aquiles, guerra, ódio, amor, afetos, dualidade.

Aquiles, herói exímio na arte da guerra, pauta a curta vida pelo ódio e o amor excessivos. O mais belo dos guerreiros tem a sua personalidade e vida moldada aos gostos dos autores que, durante um espaço temporal alargado, a vai adaptando ao gosto das sociedades coevas, resalvando a tentativa de Tétis o tornar imortal até às razões que o levaram ao Hades.

O imaginário artístico que envolve Aquiles deve-se ao relato que Homero fez dos sentimentos extremos que assolavam o herói ao limitar a descrição da guerra de Tróia às causas e consequências da cólera de Aquiles.

O ódio e o amor preconizados por Aquiles são elevados ao expoente máximo não havendo lugar para o equilíbrio. A morte, destruição e paixão colam-se à imagem que temos do guerreiro, alicercando a imortalidade de Aquiles.

Embora os deuses não estejam, manifestamente, presentes na *Ilíada*, como o estão na *Odisseia*, temos de reconhecer a ação dos imortais na epopeia homérica, destacando, para o efeito, Eros e Éris.

A ação das duas forças antagónicas é representada na arte, em particular na pintura sobre cerâmica, de forma excecional, transportando o observador para os limites do amor e do ódio.

Através dos pintores envolvemo-nos no amor que Aquiles dedica a Patroclo e no ódio a Heitor. Analisaremos, também, a relação do guerreiro com Briseida e as consequências da desapropriação da jovem ordenada por Agamémnon. Por fim daremos atenção à paixão de que Aquiles foi acometido por Pentésiléia, após trespassar com a espada.

Para efetuar o estudo a que nos propomos teremos em consideração as palavras de Homero imortalizadas na *Ilíada* e as pinturas sobre cerâmica, representativas dos amores e desamores de Aquiles e da participação do herói na guerra de Tróia, enquadrando-as com a época e sociedade na qual foram inseridas.

Fontes

Homero, *Ilíada*, tradução de Frederico Lourenço, Lisboa, Cotovia, 2005

Bibliografia

Ferreira, José Ribeiro, *Amor e morte na cultura grega: três exemplos*, in *Eros e Philia na Cultura Grega* (Colóquio – Lisboa – 23-24 Novembro 1995), Actas, Evphrosyne, Centro de Estudos Clássicos, Lisboa, 1996, pp. 107-118

Jabouille, Victor, *Materializações de Eros na mitologia grega*, in *Eros e Philia na Cultura Grega* (Colóquio – Lisboa – 23-24 Novembro 1995), Actas, Evphrosyne, Centro de Estudos Clássicos, Lisboa, 1996, pp. 39-50

Wathelet, Paul, *Le Conflit d'Agamemnon et d'Achille dans l'Iliade et dans la tradition pré-homérique*, in *La Pomme d'Éris, Le conflit et sa représentation dans l'Antiquité*, coordonné par Ménard, Hélène; Sauzeau, Pierre; Thomas, Jean-François, Presses Universitaires de la Méditerranée, 2012, pp. 201-223

Sergent, Bernard, *La femme épique, pivot du drame*, in *La Pomme d'Éris, Le conflit et sa représentation dans l'Antiquité*, coordonné par Ménard, Hélène; Sauzeau, Pierre; Thomas, Jean-François, Presses Universitaires de la Méditerranée, 2012, pp. 225-237

Nota curricular:

Licenciada em História da Arte pela FLUL; Mestre em Arte, Património e Restauro pela FLUL; Doutoranda em História da Arte, Universidade de Évora.

Jacopo Masi

CEC-FLUL, Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

The nonexistent word: Giorgio Caproni's war

Keywords: Giorgio Caproni, 20th-century poetry, war, silence, God, poetic word.

A lapidary poem in Giorgio Caproni's posthumous collection *Res amissa* (1991) formalizes the inescapable fate – the “*fatalità della rima*” – that has linked the words “terra” (ground, soil or even earth, depending on the context) and “guerra” (war) throughout the author's production.

Since its first occurrence in a poem from the 1943 collection *Cronistoria* – “tu persa in quella terra | di pietra, io solo in questa | silenziosa mia guerra” – the rhyming and thematic pair will emerge with increasing frequency and, more importantly, with exclusive attraction: the appearance of one inevitably announces the other. This allowed Surdich (*Le idee e la poesia. Caproni e Montale*, 1998, p. 154) to rightly note that the war is the “dominant event and resumptive vicissitude of the poet's life”. Indeed, born during the Italo-Turkish War, grown up during WWI and under the Fascist dictatorship, a soldier in WWII and then a partisan in the Italian Resistance Movement, the war – or the fear of war – has burdened the years of youth, up to adult age, of the poet and of his generation, as he repeated in several interviews.

But war, as Orlando pointed out (*La vita contraria. Sul Novecento di Giorgio Caproni*, 1998, p. 172), is not exactly a topic in Caproni's writings: more and less than a topic, war is a substantial – in its most literal meaning: “la guerra | penetrata nelle ossa” (*Il passaggio d'Enea*) – experience and a founding moment of the poet's *Weltanschauung*. It is the event that, in his own words, made him fully experience “the horror of God's absence”.

The aim of this paper is to explore how the trauma of war and the silence of an absent God shaped Caproni's poetics and his reflections on the role and power of words.

CV:

After a PhD in European Literatures focusing on nostalgia in 20th-century poetry, Jacopo Masi joined the Centro de Estudos Clássicos of the FLUL as an FCT postdoctoral fellow, carrying out a research project on the concept of “threshold” in classical culture and 20th-century literature. Since 2019 he has been investigating the manifestations of “silence” in ancient and modern literature.

Joana Pinto Salvador Costa

CH-ULisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa

A Violação como Instrumento da Guerra *A Intemporalidade da Guerra de Tróia*

Palavras-chave: Antiguidade, guerra, interdisciplinaridade, Tróia, violação, violência.

A presente comunicação tem o intuito de analisar de que forma a violação foi utilizada como meio de domínio e tática bélica. Partindo da guerra de Tróia, irá ser possível determinar as características deste acto de violência extrema, no âmbito do pensamento dos Gregos antigos. Com o recurso à interdisciplinaridade, mais especificamente à psicologia e sociologia, propomos realizar uma definição do perfil das vítimas e dos agressores, no âmbito do conflito, analisar as motivações e respectivas consequências, bem como verificar se esta face da guerra é intemporal. No contexto actual, o objectivo passa por dar destaque a um tema da Antiguidade, mas com aplicabilidade e intervenção social.

Nota curricular:

Joana Pinto Salvador Costa é Mestre em História Antiga, encontra-se a realizar o doutoramento (financiado pela FCT) também em História Antiga na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e é investigadora integrada no Centro de História da mesma Universidade. As suas áreas de interesse incluem o estudo da religião grega antiga, mito, género, sexualidade e violência na Antiguidade.

Joana Vidal Lopes
Investigadora Independente

*O movimento social da Primavera Árabe e as suas repercussões:
Uma década perdida para a democracia?*

Palavras-chave: Primavera Árabe, democracia, paz, movimento social, movimento social *online*, Estado Islâmico.

A Primavera Árabe, um movimento social com origem na Tunísia em 2010, desencadeou protestos nas ruas em larga escala em vários países do Mundo Árabe. Nos anos que se seguiram, vastas camadas da população, designadamente a juventude árabe marginalizada e desprivilegiada, mobilizam-se através de plataformas das redes sociais, fazem ouvir os seus protestos e revolta contra o autoritarismo, corrupção e falta de perspectivas de vida futura condigna. Este movimento foi considerado por alguns analistas como a “primeira revolução mundial *smartphone*”, com multidões a reunirem-se em grande número para exigir eleições livres e democráticas e reformas económicas dos seus líderes. Uma década mais tarde, as repercussões das revoltas da Primavera Árabe ainda podem ser sentidas – mudanças de regime, guerras civis, agitação civil e até a emergência e aumento da proeminência de grupos terroristas como o Estado Islâmico – mas as promessas continuam por cumprir. Este artigo visa analisar especificidades da Primavera Árabe, com ênfase nos objetivos, métodos, repercussões, e desafios deste movimento social, e visa abordar o seu impacto geral como forma de pressão para o estabelecimento de sociedades democráticas e promotoras da Paz.

Nota curricular:

Doutora em Relações Internacionais: Geopolítica e Geoeconomia pela Universidade Autónoma de Lisboa. Autora da Tese de Doutoramento “Geopolítica e Migrações Internacionais no Mediterrâneo no Século XXI: A Crise do Mediterrâneo”. MA in European Economic Studies pelo College of Europe de Bruges. MSC in Finance and Management pela University of Exeter. Licenciada em Economia pela Universidade Católica Portuguesa. Economista e Investigadora em migrações internacionais e fluxos de refugiados no Mediterrâneo.

Jorge Deserto

Faculdade de Letras da Universidade do Porto / CECH – Coimbra

A galáxia de Aquiles

Palavras-chave: caracterização, teia de personagens, Narrativa Épica, Homero, *Iliada*, herói.

Esta comunicação associa-se a outros trabalhos, já realizados e em curso, que se debruçam sobre o tema da caracterização na literatura grega. A proposta assenta numa constatação de base: em qualquer obra de fôlego, narrativa ou dramática, uma personagem é definida não apenas pelo que diz ou faz, mas também por uma teia de outras figuras, relevantes ou menores, que com ela se cruzam, com as quais se relaciona ou interage ao longo da intriga. A hipótese que coloco é a de que essa teia, feita de interações que sucessivamente se encontram, se relacionam, em permanente reconfiguração, plena de tensões, de aproximações e afastamentos, é um elemento que, cuidadosamente analisado, pode ajudar a densificar a caracterização de uma personagem narrativa ou dramática.

No caso presente, este trabalho tenta estabelecer e trabalhar aquela que, na *Iliada*, pode ser considerada a ‘galáxia de Aquiles’, entendida como o conjunto de figuras que, das formas mais distintas, se cruzam com o rei dos Mirmidões – e que, cada uma à sua maneira, ajudam a dar forma ao modo como o construímos e interpretamos. É um grupo vasto que, numa comunicação desta natureza, terá de ser segmentado. Pensemos em figuras como Briseida, Hécuba ou Tétis; Agamémnon, Nestor ou Pátroclo; Heitor, Fénix ou Príamo. Todos eles – e muitos outros – constituem a galáxia de Aquiles. A teia com que envolvem o filho de Peleu, em movimento constante, fazendo e refazendo perspetivas, ajuda a tornar mais sólida e mais densa – ao mesmo tempo que, paradoxalmente, mais fluida – a imagem que retemos do herói de Homero.

Nota curricular:

Jorge Deserto é professor auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde leciona, entre outras matérias, Literatura Grega, Grego e Latim. É igualmente investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Tem feito investigação e publicado trabalhos sobre literatura grega, especialmente teatro, bem como sobre a receção do legado clássico na cultura e na literatura contemporâneas, em autores como, por exemplo, entre outros, Eça de Queirós, Augusto Abelaira, António Osório ou Gonçalo M. Tavares.

José Cândido de Oliveira Martins

Universidade Católica Portuguesa / CEFH

Formas e genealogias da violência e do mal em H. G. Cancela

Palavras-chave: H. G. Cancela, drama, violência, ódio, culpa, memória.

Nesta comunicação pretende-se analisar dois romances de H. G. Cancela – *Impunidade* (2014) e *As Pessoas do Drama* (2017) –, um autor português contemporâneo bastante ignorado pela imprensa e pela crítica literária. Estas duas narrativas prestam-se a uma análise muito fecunda, quando perspectivadas do ponto de vista das formas de violência, de ódio e do mal que pautam frequentemente as relações interpessoais. Existindo ou não uma culpa ancestral, o mal e as correspondentes relações de ódio e de violência, sob várias máscaras (verbal, sexual, social, cultural), podem ocorrer socialmente nas mais diversas e inesperadas formas. Aliás, este tema é muito caro à escrita e mundividência do autor do ensaio *O exercício da violência. A arte enquanto tempo* (2014). Por isso, na escrita deste autor deparamo-nos com atmosferas dramáticas e interpretações cénicas, personagens bastante solitárias e agónicas, verdadeiras sombras de heróis trágicos, vivendo situações de dor e de interdito, de solidão e de incomunicabilidade, em universos construídos a partir dos efeitos da dura violência e da guerra desumanizante, da misoginia e misantropia perversas.

Nota curricular:

Professor Associado. Além de artigos para revistas especializadas, publicou alguns livros, com destaque para: *Alexandre Cabral (1917-1996) Dedicado Camilianista* (2018); *Fotobiografia de António Feijó* (2019); e *Viajar com Vasco Graça Moura* (2020). Co-organizou volumes temáticos de revistas internacionais e volumes temáticos: *Leituras do Desejo em Camilo Castelo Branco* (2010); *Pensar a Literatura no Séc. XXI* (2011); *Camões e os Contemporâneos* (2012); *Maria Ondina Braga: (Re)leituras de uma Obra* (2017); e *Maria Ondina Braga: Viagens e Culturas em Diálogo* (2019). Editou agora o vol. I das Obras Completas de Maria Ondina Braga (IN-CM, 2022).

Jose L Garcia

California State University, Northridge, USA

Murder and Madness: War Trauma, Revenge, and Academic Discomfort with Euripides' *Hecuba* and *Star Wars: Rebels*

Keywords: Hecuba, trauma, revenge, Euripides, Star Wars, fan studies.

The history of modern scholarship on Euripides' characterization of Hecuba is one of simultaneous fascination and revulsion, empathy and horror, understanding and rejection. David Grene and Richard Lattimore cite August Wilhelm Schlegel's *On Dramatic Art and Literature* as the juncture wherein dramatic and scholarly opinion of Hecuba soured, a trend that continued with scholars such as JA Spranger, Gilbert Norwood, and JJ Rieske. My project, building from Grace Zanotti's explorations of Hecuba and Tonya Pollard's study of Hecuba as essential to Shakespeare's women, asserts that modern storytelling, particularly the character of Sabine Wren in *Star Wars: Rebels*, deals with Hecuba more genuinely than post-Schlegel scholars largely have.

The charges against *Hecuba* are that her character and her actions do not seem to be the work of one character, and that the play may be an amalgamation of several shorter plays that Euripides did not feel met the required length of a dramatic work. As such, they consider the depths of Hecuba's sorrow at the murder of Polyxena and the heights of her rage at the murder of Polydorus to be two different Hecubas.

I apply Pollard's examination of Hecuba's centrality to Shakespeare's works to the character of Sabine Wren, who has the strongest echoes of Euripides' Hecuba, encompassing the fullness of emotion from her towering anger at the Galactic Empire to the depth of her sorrow at the near loss of her family. Within that analysis, I argue that scholarship claiming *Hecuba* as a weak play is unwilling or unable to engage with Hecuba emotionally, and that even Zanotti's project, which seeks to rationally explain how Hecuba can be both mourner and murderer, is indicative of a trend in modern scholarship to not allow those emotional zeniths and nadirs to exist on their own in art.

CV:

Jose L Garcia earned his Master of Arts in Literature from California State University, Northridge in 2021 and has presented at the Transitions 9 conference hosted by the University of London, Birkbeck Center. His most recent project, "At My Most Beautiful: The Politics of Body Prostheses, Disability, and Replacement in Arryn Diaz's *Dresden Codak*," was published online by the British Science Fiction Association.

José Luis de Micheo Izquierdo

Unir, Universidad Internacional de la Rioja, España

Dionisio Ridruejo: poesía fascista de la guerra civil española

Palabras clave: poesía, España, guerra civil, fascismo, futurismo, arrepentimiento.

Durante la guerra civil que tuvo lugar en España entre 1936 y 1939, la brecha política, y ahora ya cañita, de las dos Españas, se encarnó literariamente en dos bandos muy diferentes: el del Frente Popular y el franquista.

Es innegable que, desde el punto de vista de la calidad literaria y el espesor creativo del primero fue muy superior al nacional, o franquista. Escritores españoles y extranjeros, simpatizantes del Frente Popular, como Alberti, Neruda, Guillén, Hemingway, Breton, Machado, Vallejo, lograron composiciones en las que la intención propagandística no empañaba su calidad.

En el bando franquista la literatura fue por otra vía. Formaban el «ejército» literario, además de los poetas del viejo modernismo, la nueva ola de jóvenes que defendían la ética y la estética de un futurismo incipiente. Muchos eran, además, militantes, e incluso jerarquías, del partido fascista español, Falange Española.

De entre ellos, destaca Dionisio Ridruejo (1912-1975), que, además de ocupar altos cargos de responsabilidad política en el nuevo Estado, cultivó la poesía de combate, de ideología puramente fascista, en dos libros. *Poesía en armas (1936-1939)*; y *Poesía en armas (1941-1943)*, libro este en el que canta su aventura como miembro de la División Azul, el contingente de voluntarios fascistas que, englobados en el Ejército alemán, combatieron en el frente del este contra la URSS entre los años que recoge el título.

Son, ambos, más el primero, los más puros ejemplos de poesía de guerra escritos en el bando franquista. Y aunque luego la vida del poeta marchó por un rumbo diametralmente opuesto, constituyen un documento imprescindible de ese tiempo, que alumbra un espacio olvidado -la literatura de los vencedores- en la que late ya la semilla de la creación literaria en la España de los años venideros.

CV:

José Luis de Micheo Izquierdo. Madrid, 24-02-1960. Ldo. en Teoría de la Literatura y Literatura comparada (UCMadrid); Máster en Literatura española; doctorando en Literatura española; Ldo. en Derecho (UCM); MBA (UANebrija). Profesor en Unir. Abogado. Publicaciones relacionadas: *Dionisio Ridruejo: desolación y paisaje*. UCM. 2008 (<https://eprints.ucm.es/id/eprint/30080/>); «Dionisio Ridruejo propagandista». En E. Peral Vega y F. Sáez Raposo (Coord). *Métodos de propaganda activa en la Guerra Civil española*. Literatura, arte, música, prensa y educación. Iberoamericana. Madrid, 2015.

José Teixeira

Universidade do Minho

“Guerra” no discurso jornalístico: graus de metaforicidade e a suposta neutralidade

Palavras-chave: palavras-chave, metaforicidade, metáforas de guerra, literal-figurado, discurso jornalístico.

Toda a tradição clássica da Retórica parte do axioma de que na linguagem existem dois planos distintos: literal-figurado. Quando, conseqüentemente, se aborda o funcionamento da linguagem metafórica é entendido que esta é distinta da não-metafórica e entre as duas há uma oposição dual.

O discurso jornalístico, como discurso que pode focar qualquer realidade humana, pode ter como referência a guerra dita “real”, não metafórica (os chamados “correspondentes de guerra”, por exemplo) ou atividades humanas descritas metaforicamente como lutas/guerras (lutas laborais, políticas, desportivas).

Esta comunicação parte de uma ótica divergente da retórica clássica, na linha que defende não existir uma separação dual rígida entre metafórico e não metafórico, mas sim graus de metaforicidade, sendo esta entendida como uma distanciação dinâmica e variável no plano não figurado-figurado (ou conotação-denotação, não metafórico-metafórico).

Defendemos, assim, que, no caso do discurso sobre conflitos, a mesma situação pode ser apresentada como “guerra” e como “não-guerra” (guerra apenas metafórica) tendo, portanto, o discurso poder manipulador na construção ou não do conceito de guerra que se veicula. Ora se o discurso sobre uma “guerra” pode modelar o conceito, apresentando-o como mais “real” ou mais “metafórico”, tal implica que o autor do discurso (o LOC e/ou o jornalista), ainda que queiram, não comunicam a partir de uma perspectiva neutra. Para provarmos esta dinâmica, analisaremos a forma como no discurso jornalístico se tem utilizado o conceito de “guerra” nas principais dimensões das atividades humanas: 1) a dimensão pragmática, o viver concreto num espaço concreto (por exemplo, a “guerra” da Ucrânia, a “guerra” à Covid-19); a dimensão imagética: a religião, as crenças (por exemplo, a “guerra” contra o demónio, a “guerra” contra o governo); a dimensão lúdica: os jogos, o desporto (por exemplo, o jogo de futebol como “guerra” entre oponentes).

Nota curricular:

De 1984 a 1986 lecionou na Universidade Católica Portuguesa (Braga) e desde 1986 até à atualidade na Universidade do Minho (Professor Associado). É Doutorado em Ciências da Linguagem, no domínio das relações entre a perceção e a verbalização do espaço. Um dos primeiros investigadores da Linguística Cognitiva em Portugal, é autor de várias publicações no domínio da semântica cognitiva e sobre cognição, língua e publicidade que podem ser consultadas na Web através do Repositório da Universidade do Minho, https://repositorium.sdum.uminho.pt/browse?type=author&authority=802&authority_lang=por. Currículo em <https://www.cienciavita.pt/portal/D110-7A30-AA6D>

Luís Miguel F. Henriques

CECH, FLUC / Instituto Politécnico de Portalegre

O ideal do guerreiro homérico

Palavras-chave: arenga militar, exemplaridade, *aristos*, general-soldado, épica, historiografia.

“Por isso ele me mandou, para que eu te ensinasse tudo,
como ser orador de discursos e fazedor de façanhas.” (*Il.* 9.443-4)

Estes dois versos sintetizam o programa ideal do guerreiro homérico: com efeito, na *Iliada*, os discursos alcançam uma importância tal no seu desenvolvimento narrativo que preenchem cerca de 7000 versos (Griffin, 2004). De entre essas alocações, destacamos aquela que virá a ter larga fortuna na historiografia desde a Antiguidade até ao Renascimento: a arenga militar. Por outro lado, a narração de façanhas individuais ocupa outra significativa parte da epopeia. Com efeito, o herói homérico deveria ser um *aristos* em muitas facetas, desde logo destacar-se na excelência do combate, mesmo à frente das capacidades de comando, já que aquela proporcionava a glória. Devia igualmente saber exortar as tropas para guerra, proferindo-lhes discursos impressionantes, mobilizadores de vontades. São estas as virtudes que estruturam heróis como Agamémnon, Heitor e Aquiles. Assim a combinação de comportamento exemplar com exortação define, desde Homero, o ideal de general-soldado que se converterá num tópico historiográfico, presente na caracterização, entre outros, de Ciro, Alexandre, Camilo, César ou D. João de Castro.

Propomo-nos, nesta comunicação, em primeiro lugar, traçar o ideal homérico do general-soldado, encarnado por diferentes heróis, Aquiles à cabeça, e, em seguida, avaliar como Quinto Cúrcio, Arriano, Amiano e historiadores portugueses de Quinhentos foram permeáveis a esse ideal na elaboração dos retratos dos seus protagonistas militares.

Nota curricular:

Luís M. F. Henriques é professor de Língua e Cultura Portuguesa no Instituto Politécnico de Portalegre e membro integrado do CECH (Coimbra). Tem desenvolvido investigação sobre as relações entre retórica e a historiografia portuguesa do século XVI cujos resultados têm sido apresentados em congressos e publicações da especialidade.

Luís Nogueira

Universidade da Beira Interior / Labcom – Comunicação e Artes, Brasil

Mutantes, máquinas e monstros: rostos da guerra na ficção científica cinematográfica

Palavras-chave: semiótica, iconologia, narrativa, personagem, estética, herói.

A guerra – aqui entendida num sentido lato, e englobando múltiplas iterações em termos de escala, protagonistas e motivações – é, seguramente, uma das temáticas mais presentes no cinema de ficção científica, em obras com ligações múltiplas à literatura, à banda desenhada ou aos videojogos. Sagas cinematográficas como *Planet of the Apes*, *Star Wars*, *Mad Max*, *Terminator*, *Matrix* ou *Hunger Games* são, a esse propósito, bem demonstrativas, como o são os filmes *Escape from New York*, *Dune*, *Children of Men* ou *Avatar*, entre outros exemplos. Trata-se de obras que, independentemente do juízo cinéfilo ou do estatuto crítico sobre as mesmas, ocupam um lugar de destaque no imaginário e na cultura ocidentais das últimas décadas. O que pretendemos nesta comunicação é organizar uma galeria de retratos dos principais protagonistas e antagonistas dessas narrativas. Para tal recorreremos a uma abordagem híbrida e heterogénea, multi, trans ou mesmo adisciplinar, dependendo da perspetiva adotada a cada passo: propomo-nos operar uma semiótica alargada que reenvie ou se cruze com um conjunto de noções provindas da filosofia, da narratologia, da religião ou da estética, num repertório organizado em tríades concetuais que nos permitirão pontos de vista múltiplos sobre os retratados e, desse modo, detetar os signos e sinais da sua condição enquanto rostos-ideia, rostos-arquétipo ou rostos-figura: o humano, o pós-humano e o desumano; o herói, o anti-herói e o vilão; o soldado, o *alien* e o androide; o belo, o sublime e o feio; a alegoria, a parábola e a fábula; o paraíso, o purgatório e o inferno; a utopia, a heterotopia e a distopia. Através da análise destes rostos da guerra futura pretendemos esboçar a hipotética iconologia de um devir bélico da condição humana, indo do humano imaculado ao humano grotesco ou do monstro generoso ao monstro inconsolado.

Nota curricular:

Luís Nogueira é professor associado do Departamento de Artes da Universidade da Beira Interior, do qual foi presidente entre 2019 e 2021. Foi diretor da licenciatura em Cinema entre 2008 e 2015. Interessa-lhe a relação do cinema com as demais artes e média – literatura, pintura, banda desenhada, videoclip, meios digitais –, bem como os fenómenos de intertextualidade e transmedialidade.

Marcos Lentino Messerschmidt

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Pensar em meio à guerra: experiência, trauma e resistência

Palavras-chave: Experiência. Trauma. Resistência. Colonialismo. Guerra de baixa intensidade. Pensamento brasileiro.

Experiência, trauma e resistência são elementos fundamentais do pensamento e da obra de Walter Benjamin (1892-1940). Os ensaios *Experiência e pobreza* (1933) e *Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire* (1940), publicados durante o período que compreende a ascensão do nazismo na Alemanha e o início da Segunda Grande Guerra, oferecem elementos suficientes para que se possa dar início à reflexão sobre a guerra e seus efeitos, já que foram redigidos, espacial e temporalmente, em meio aos dois maiores conflitos armados do século XX. O próprio autor sofreu os efeitos da experiência e do trauma da guerra, desde o exílio até sua própria morte, ocorrida enquanto Benjamin fugia da França, então ocupada pelos nazistas, para a Espanha. Pensar a guerra em meio à guerra: eis minha pretensão no presente trabalho. A violência colonial deixou profundas marcas no Brasil e na América Latina, cujos efeitos estendem-se desde o início da ocupação promovida por Portugal e Espanha até os dias de hoje. Os altos índices de homicídios nas grandes cidades brasileiras, o contínuo genocídio dos povos originários, além da violência contra os afrodescendentes – intensificados desde a ascensão da extrema-direita ao poder no Brasil – são a continuidade do ainda não terminado processo colonial e caracterizam uma guerra ou conflito de baixa intensidade. O objetivo desta comunicação, então, é refletir acerca do papel dos pensadores brasileiros diante deste estado de coisas. Para tanto, além da obra de Walter Benjamin, recorrerei ao pensamento de Ailton Krenak, Eduardo Viveiros de Castro e Rafael Haddock-Lobo.

Nota curricular:

Marcos Messerschmidt é bacharel e mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, além de doutorando na mesma instituição. Publicou em periódicos, entre outros, os artigos *Pensar a melancolia: dos humores de Hipócrates ao pessimismo revolucionário de Walter Benjamin* e *A filosofia como luta pelo futuro: três perspectivas para lidar com a crise climática*.

Maria Antonietta Struzziero

Independent Scholar, Italy

New voices for an ancient story: speaking from the margins of Homer's *The Iliad* in Madeline Miller's *The Song of Achilles* (2011) and Pat Barker's *The Silence of the Girls* (2018)

Keywords: Achilles, hate, love, Patroclus, Briseis, war, trauma.

Madeline Miller's *The Song of Achilles* (2011) and Pat Barker's *The Silence of the Girls* (2018) are imaginative retellings of Homer's *Iliad*.

This paper will consider the writers' use of hypertextual adaptation in their novels and discuss their methodologies. The analysis will argue that both novelists rewrite and transform the original text adopting an oppositional, even subversive, posture of critique of the narrative stance taken in the hypotext.

Both authors problematize Homer's moral world and its hierarchies of values, through the strategy of transfocalization: they depart from the patriarchal mindset of the Homeric world and enter it through a marginalized or silenced character in the source text. Besides, by doing so, the two writers reappraise their narrators' role and offer alternative perspectives on the world of the epic.

In Miller's novel, the angle from which the reader enters the text is that of Patroclus, an exiled young prince whose fresh outlook captures the amorality of politics and war; in Barker's, it is that of Briseis, a princess enslaved by Achilles, a victim of all the horrors and butchery of the "rape camp" (324) where she is held captive.

Despite gender differences, the two narrators share some crucial features: in Homer's epic, they are both central to the action of the *Iliad*, yet conspicuously shadowy, and have a privileged, intimate access to Achilles, the Greek hero whose personality and tragic *hubris* are observed with emotional understanding.

Miller's novel transforms the Homeric narrative of the friendship between Patroclus and Achilles into a touching love story built on their mutual devotion. In Barker's text, Briseis sings her "new song" (314) in a powerfully angry voice that weaves a counternarrative of war horrors, misogyny, and fragmentation of the self, a condition that conjures up similar traumatic scenes of wars closer to us.

In conclusion, it is maintained, both novels are examples of *how* modern offspring can pay homage to a classical parent text recreating a profoundly modern aesthetic and moral picture.

CV:

Maria Antonietta Struzziero is an Independent Scholar. She completed a PhD in Linguistic and Literary Studies at the University of Salerno with a doctoral dissertation on Jeanette Winterson and the love discourses in some of her novels. She has published several articles and book chapters on different topics and authors, and given papers at Italian and international conferences. Her fields of interests include: modernism; post-modernism; gender studies; auto/biographical writing; feminist theories; trauma studies. She has co-edited "Voci ed echi: Quaderni di letteratura comparata" and translated two novels.

Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho

Universidade Federal de Minas Gerais/Departamento de Filosofia

A cólera, a vingança e superação dos traumas em três electras brasileiras

Palavras-chave: Francisco Pereira da Silva, *Lazáro*, Hermilo Borba Filho, *Electra no circo*, Nelson Rodrigues, *Senhora dos Afogados*.

Nesta apresentação, pretende-se fazer a análise de alguns aspectos da recepção do mito de Electra nas peças *Lazáro* (1948) de Francisco Pereira da Silva (Piauí/Campo Maior, 1918-1985), *Electra no circo* (1944, publicada em 1952), de Hermilo Borba Filho (Pernambuco/Palmares, 1917-1976) e *Senhora dos Afogados*, de Nelson Rodrigues (Pernambuco/Recife, 1912-1989). Todos esses dramaturgos nordestinos levaram ao palco o mito de Electra, transpondo-o para a cultura brasileira do século XX, realçando temas ligados à sexualidade e aos aspectos psicológicos na caracterização das personagens. Meu interesse, aqui, é, tanto fazer uma comparação entre essas peças e aquelas gregas sobre a filha enlutada de Agamêmnon quanto, respeitando a autonomia estética dessas peças, analisar como os autores brasileiros caracterizaram a idéia de cólera (*orgê*) de Electra, e em que medida a casa onde vive se torna o teatro da guerra, que afeta os julgamentos dos protagonistas, nos âmbitos público e privado.

Nota curricular:

Professora associada do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo, com estágio doutoral na Brown University. Atua nas áreas de retórica e sofística no período clássico grego, tragédia euripidiana e recepção da literatura grega no cinema, teatro e nos sermões de Antonio Vieira. Foi Presidente da Sociedade Brasileira de Retórica (2010-2012) e da Associação Latino-Americana de Retórica (2015-2018). É Presidente de Honra da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (gestão 2022-2023) e representante na América Latina da International Society for Socratic Studies (desde 2018).

Maria de Fátima Silva

Universidade de Coimbra

Aquiles necrófilo

Palavras-chave: Políxena, Penteseleia, Eurípides, *Hécuba*, Quinto de Esmirna, *Post-homerica*.

São célebres as relações afetivas relacionadas com alguns dos guerreiros em Troia, com relevância maior para os casamentos fracassados dos dois Atridas, geradores de terríveis consequências. Diferente é a experiência de Aquiles nesta matéria. Os amores que os testemunhos antigos lhe atribuem ocorrem numa linha de fronteira entre vida e morte. Estão neste caso dois episódios igualmente tormentosos, os que relacionam o herói da Ftia com uma das filhas de Príamo, Políxena, e com a rainha das Amazonas, Penteseleia.

Nota curricular:

Maria de Fátima Silva é Professora Catedrática jubilada do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Entre os campos de investigação do seu interesse contam-se: o teatro grego, tragédia e comédia, a historiografia, o tratado científico e os estudos de recepção. É tradutora para o português de diversos autores: Aristófanes, Menandro, Heródoto, Aristóteles, Teofrasto, Pausânias.

Maria do Carmo Pinheiro Silva Cardoso Mendes

Universidade do Minho

“O espaço agredido”: *representações bélicas em José Luandino Vieira*

Palavras-chave: Vieira (José Luandino), guerra colonial, racismo.

A cidade de Luanda colonial, representada na extensa obra literária de José Luandino Vieira, é um microcosmo que exhibe múltiplos tipos de violência. Nas deambulações de variados grupos humanos, o leitor percorre um espaço geográfico multifacetado, com cambiantes que acompanham a própria História de Angola no século XX. O espaço físico é lugar de confrontos raciais, de crueldade, de dissensos culturais e de conflitos entre colonizados e colonizadores, mas também de manifestações de solidariedade, de resiliência e de afirmação de identidade. Nos percursos de diversos narradores, o leitor reconstrói não só a geografia física, mas sobretudo os espaços mentais de seres humanos que constroem identidades diante de inúmeras adversidades, sobretudo as que respeitam a práticas de brutalidade colonial. A ficção de Luandino permite ainda observar, no protagonismo recorrente de personagens infantis, a presença do *Bildungsroman*. No plano linguístico, ressalta o modo como a construção de identidades passa por registos peculiares que, em última instância, questionam a linguagem colonial - nos sentidos real e metafórico. Evidencia-se ainda a violência da linguagem do colonizador.

A comunicação tem, assim, como propósitos principais: 1) Reconstruir as imagens de violência colonial na cidade de Angola, destacando as práticas policiais de tortura em *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, *A Cidade e a Infância*, e *Vidas Novas*; 2) Identificar a influência que um espaço dominado pela violência exerce sobre comportamentos e interações humanas; 3) Pôr em evidência práticas de tortura, de discriminação racial socioeconómicas) apresentadas nas narrativas selecionadas; 4) Demonstrar que a denúncia da violência colonial, de que o próprio Luandino foi submetido, reveste a obra literária deste escritor angolano de um forte compromisso ético.

Nota curricular:

Maria do Carmo Mendes é especialista em Literatura Comparada. Publicou ensaios sobre: escritores de língua portuguesa; mito de Don Juan; Ecocrítica; influências clássicas na literatura portuguesa contemporânea. Em 2016 publicou *Idades da Escrita. Estudos sobre a obra de Agustina Bessa-Luís*. A sua publicação mais recente é *Africanidades Eletivas. 22 estudos de literaturas africanas de língua portuguesa* (2020).

Maria José Ferreira Lopes

Universidade Católica Portuguesa, CEFH, Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos

Aquiles e Políxena em As Troianas, de Hélia Correia e Jaime Rocha: timê e kléos no masculino e no feminino

Palavras-chave: *timê, kléos, moderatio*, guerra, homem, mulher.

Em *As Troianas* (2018), Hélia Correia e Jaime Rocha reescrevem o rescaldo da queda de Troia, abordando como episódios centrais a repartição dos troféus femininos e os sacrifícios de Políxena e Astíanax. A evidente inspiração na obra de Eurípides – tragédia homónima e primeira metade de *Hécuba* – é permeada por opções originais, e expressa com uma vivacidade assente na coloquialidade, mas também numa acutilância por vezes lírica. Sobressai a continuidade da denúncia dos horrores da “guerra e os seus entusiasmos” vãos, que perpetuam o bárbaro modelo heroico dos que se reputam de civilizados (*Perdição. Exercício sobre Antígona*, 40): logo no prólogo, através de um inovador coro de lobos, que expõe a cíclica autodestruição dos humanos como absurda violação das leis da Natureza; e sobretudo, ao longo da peça, pela exposição da fúria bárbara e imoral de Aquiles, que intervém como espectro para impor a supremacia da Morte sobre a Vida, manchando o seu filho no processo.

O protagonismo dos dois Eácidas, com a obsessiva evocação por parte do jovem Pirro dos feitos do pai e dos danos à sua honra materializada em sucessivas discussões com Agamémnon – e numa fixação algo moderna pela família de Heitor –, torna pertinente um paralelo com *As Troianas* de Séneca. A obra do estoico explora o contraste entre a brutalidade egoísta de Aquiles e do seu filho e a moderação preconizada por um Agamémnon mais humanizado, que, ainda assim, se vê obrigado a obedecer aos caprichos divinos, transmitidos pelo insensível Calcas.

A análise do modo como *As Troianas* de Hélia Correia e Jaime Rocha aproveitaram e inovaram as criações da Antiguidade – sobretudo as citadas – é o objetivo principal desta proposta de comunicação. Ao mesmo tempo, será evidenciada a absoluta atualidade das reflexões do passado sobre o impacto da guerra e o heroísmo no feminino.

Nota curricular:

Maria José Ferreira Lopes é doutorada em Literatura Latina pela Universidade Católica Portuguesa (2007) e docente da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais desde 1990, sobretudo da área dos Estudos Clássicos, História da Língua Portuguesa e Cultura Portuguesa. Membro integrado do CEFH, tem desempenhado funções de coordenação de projetos e organização de colóquios nacionais e internacionais e edição de livros, além das participações em vários eventos nacionais e internacionais. As suas áreas de investigação envolvem a Língua e Literatura Latinas (também do Renascimento), Cultura e História Romanas, Mitologia Clássica, Literatura Grega e Literatura e Cultura Portuguesas.

Maria Mafalda Viana

O modelo épico da guerra e o novo modo épico camoniano

Palavras-chave: Camões, *Os Lusíadas*, Aquiles, guerra, epopeia, modelos.

Na sua epopeia *Os Lusíadas*, Camões vai construindo gradualmente ao longo da sua longa viagem, paralela à do «facundo Capitão», um novo sentido do épico que interpela e critica, de diferentes formas, o modelo épico da guerra. Não sendo aquele antigo modelo excluído das fronteiras desta nova epopeia, este é todavia ali reconfigurado de tal modo que o poeta, ponderando esse sentido do humano e do épico em que a guerra é omnipresente, afirma, por entre as envelhecidas nervuras das epopeias da Antiguidade, uma nova possibilidade do épico que, simultaneamente, lhes dá vida renovada no contexto presente da poesia portuguesa e europeia do século XVI. A ocorrência da figura de Aquiles é, neste aspecto, um de entre outros elementos a ter em conta nesta proposta camoniana. Longe de ser um simples termo de comparação de ocorrência causal (em III, 131, 3; V, 93, 2; V, 98, 4 e X, 156, 8), aquele elemento ganha sentido numa leitura que o enquadre no conjunto do poema. À luz de uma leitura deste tipo, a sua ressonância será, como estimo, a de um elemento que integra uma linguagem épica que a si própria se interroga e se auto-recria. Tendo uma daquelas alusões a Aquiles (III, 131) um tom nada elogioso para esta figura e sendo as outras, acima indicadas, de ressonância meta-poética porventura mais explícita, importará analisar em pormenor todas estas ocorrências, com vista ao seu enquadramento no conjunto do poema e a uma reflexão sobre este modelo épico, bem como, necessariamente, sobre a presença da guerra na vida humana.

Nota curricular:

Doutora em Literatura Grega, Mestre em Literaturas Clássicas, Licenciada em LLC / Variante de Estudos Clássicos e Portugueses. Foi Professora na UAlg (todos os níveis de Latim, Matrizes Culturais Europeias I e II, entre outras cadeiras); foi professora na UL (Grego e Literatura Grega), enquanto fez pós-doutoramento (financ. pela FCT). Fez dezenas de conferências no CCB. Tem várias publicações sobre poesia grega, latina e portuguesa (livros e artigos de revista).

María Teresa Amado Rodríguez
Universidade de Santiago de Compostela, Espanha

*Excluida y traicionada:
una Medea víctima de la guerra civil española*

Palabras clave: teatro, Medea, reescritura, intertextualidad, tradición clásica, Manuel Lourenzo.

El final de la guerra civil española en 1939 trajo victoria para el bando sublevado, pero no paz para todos, pues los perdedores fueron perseguidos y vieron su seguridad comprometida hasta la llegada de la democracia, casi cuarenta años después. Una parte de ellos se exilió y otros optaron por echarse al monte y vivir como refugiados en condiciones penosas y permanentemente acosados. En este contexto sitúa Manuel Lourenzo su *Medea dos fuxidos*, una reescritura de la leyenda de Jasón y Medea, en la que la exclusión impuesta por las circunstancias políticas adquiere una especial dureza para la heroína por su condición de mujer. En este trabajo analizaremos las técnicas de transformación del mito clásico en función de la nueva realidad que lo envuelve.

CV:

Doctora en Filología Clásica por la Universidade de Santiago de Compostela. Profesora titular del departamento de Filología Clásica, Francesa e Italiana de dicha universidad. Realizó su tesis doctoral sobre el Léxico de los Fragmentos de Cratino. Además de los trabajos realizados en el campo de la lexicografía, desarrolló su investigación en el campo de la literatura cómica y satírica y la poesía gastronómica griega. Ha estudiado en numerosos artículos y participaciones en congresos cuestiones de intertextualidad y de pervivencia de los temas y textos clásicos en la literatura gallega contemporánea, especialmente en poesía y teatro. Ha publicado varias traducciones al español y al gallego de Aristófanes, Platón, Luciano, Hesíodo, Longo, poesía satírica bizantina, además de los libros XIII, XIV y XV de la *Antología Palatina* con edición crítica.

María Teresa Santa María Fernández

Universidad Internacional de La Rioja

*Aquiles, un personaje actualizado
en dos obras del exilio español de 1939:
Héctor y Aquiles, de José Ramón Enríquez y
La hija de Dios, de José Bergamín*

Palabras-chave: mitos clásicos, teatro español del exilio, Aquiles, José Ramón Enríquez, José Bergamín.

La guerra civil española de 1936 lleva a recordar la contienda clásica, vivida y evocada en diversos poemas épicos y tragedias de Troya, dentro de algunas producciones teatrales de los exiliados que evocan el triste final de los vencidos y su destierro forzoso. Por otro lado, si Ulises se convierte en paradigma del deseo de regresar y “volver” a la patria que los desterró, Aquiles debería haber conformado el ideal de guerrero, fiero, pero con cierto sentido de la justicia. Sin embargo, en dos obras dramáticas donde se recuerda la figura del héroe griego, la imagen no corresponde con la de un guerrero mítico y añorado. De esta forma, José Ramón Enríquez, autor de la llamada “segunda generación” y residente en México, presenta, como ya realizó en otras obras de temática clásica, otra perspectiva para el enfrentamiento entre el príncipe troyano Héctor y el griego Aquiles. Un planteamiento inesperado y sorprendente que descubre otras facetas de esa relación entre ambos personajes, más allá de las establecidas en el relato clásico. Por su parte, José Bergamín, autor con una larga trayectoria literaria cuando se exilió, transforma al héroe griego en capitán fascista y la furia característica de este personaje se traslada a la venganza urdida por Teodora/Hécuba en *La hija de Dios*. La furia de Teodora será más lógica y justificable que la de Aquiles, en el relato bergaminiano. Se trata de una concepción novedosa respecto a Aquiles y a la guerra por parte de ambos dramaturgos; seguramente, provocada porque para ninguno de ellos existía ya un concepto de guerra y una épica que justifique el derramamiento de sangre inocente. Ambos autores eran, por tanto, conscientes de las consecuencias crueles – muerte y destierro – que todo conflicto armado provoca y denunciarán o idearán otro desenlace para la historia del mítico Aquiles.

CV:

María Teresa Santa María Fernández es Vicerrectora de Acción Cultural y docente en el Máster Universitario en Didáctica de la Lengua y la Literatura en la Universidad Internacional de La Rioja. Sus líneas de investigación se centran en la actualización de mitos clásicos dentro del teatro del exilio y la aplicación de recursos de las Humanidades Digitales al estudio del teatro de la Edad de Plata.

Marília Pulquério Futre Pinheiro

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Do ideal heróico ao ideal burguês: Jasão, o herói banalizado

Palavras-chave: Apolónio de Rodes, *Argonáuticas*, Jasão, herói, metáfora, emoção.

A época helenística constituiu um ponto de viragem decisivo na história da civilização, pois foi uma época de fusão da cultura grega com as diversas culturas que desabrocharam no Próximo Oriente após a morte de Alexandre. O abrupto alargamento dos horizontes geográficos teve profundas consequências a nível político, religioso e cultural. O individualismo tornou-se um dos traços mais marcantes deste período, tendo-se acentuado o gosto pelo exotismo e pelo maravilhoso, com o concomitante impulso para a fantasia e para a utopia. Abriam-se, assim, novas tendências no campo da literatura, as quais privilegiaram o culto da erudição, o virtuosismo formal e o preciosismo estético. Nesta época começou a delinear-se um novo tipo de herói e o amor, o mais forte dos sentimentos individuais, passou a ocupar um espaço privilegiado na literatura da época e no novo género que desabrochou nesse período: o romance. Passou-se, então, do ideal heróico e aristocrático para o familiar e burguês, daquilo que os homens deveriam ser (Aristóteles, *Poética*, 1460b) para aquilo que realmente são. *As Argonáuticas* rompem, deste modo, com os ideais heróicos, transformando a famosa saga dos Argonautas num poema épico marcado por um exacerbado drama sentimental. O objectivo desta comunicação é demonstrar que Apolónio de Rodes modelou a personagem de Jasão e as várias etapas da sua evolução psicológica e moral com base nos padrões estéticos vigentes na época, fazendo, para isso, largo uso das imagens (metáforas, símiles e outros recursos estilísticos) e do enorme potencial cognitivo, emocional e simbólico que as caracteriza, com vista a estabelecer e re-negociar a coerência interna da obra.

Nota curricular:

Marília Pulquério Futre-Pinheiro é Professora Catedrática Jubilada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi presidente da comissão organizadora do IV Congresso Internacional sobre o Romance Antigo (ICAN 2008), que decorreu na Fundação Calouste Gulbenkian, e Directora do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias) entre 2019 e 2022. Dentre as suas várias dezenas de artigos e livros, contam-se: *Mitos e Lendas da Grécia Antiga* (2007; 2ª edição 2011), *Fictional Traces: Reception of the Ancient Novel*, ANS 14.1 e 14.2, 2011 (ed. com Stephen Harrison); *The Ancient Novel and the Early Christian and Jewish Narrative. Fictional Intersections*, ANS 16, 2012 (ed. com Judith Perkins and Richard Pervo); *Narrating Desire. Eros, Sex, and Gender in the Ancient Novel*, De Gruyter, 2012 (ed. com Marilyn B. Skinner and Froma Zeitlin); *Intende, Lector - Echoes of Myth, Religion and Ritual in the Ancient Novel*, De Gruyter, 2013 (ed. com Anton Bierl and Roger Beck); *The Ancient Novel and the Frontiers of Genre*, ANS 18, 2014 (ed. com Gareth Schmeling and Edmund P. Cueva); *Philosophy and the Ancient Novel*, ANS 20, 2015 (ed. com Silvia Montiglio); *Crossroads in the Ancient Novel*, De Gruyter, 2018 (ed. com David Konstan and Bruce MacQueen); *Literary Memory and New Voices in the Ancient Novel*, ANS 29, 2022 (ed. com John Morgan).

Marina S. Brownlee

Princeton University, USA

Trauma, Death, and Transcendence
The Case of Leonor López de Córdoba

Keywords: trauma, death, Leonor López, *Memorias*, Pedro I, Enrique II.

Thanatology—the study of death—finds fertile ground for research in the Middle Ages given the precariousness of life due to war, disease, and the rudimentary knowledge of medicine. Much more than the counting and recounting of dead knights, and women and children who die during childbirth, the focus on the details of death in a wealth of genres, from epics and chronicles, to autobiographies and spiritual accounts is very revealing of the expectations, emotions and symbolic values of death and dying.

The *Memorias* of Leonor López (b. 1362 or 1363) is a compellingly enigmatic document written by a politically influential author. The paradoxical conflation of autobiography and memoir in her historical writing about the murder of Pedro I of Castile and León by his half-brother Enrique II de Trastámara (known as The Fratricide), is a narrative of war, trauma, and death, and their consequences—but also, surprisingly, of transcendence.

Leonor—Castile’s first memorialist and first female prose writer—was incarcerated at the age of eight, spending eight years as a prisoner because of Enrique’s perfidy against Pedro, with whose family she was aligned. Enrique was the first King of Castile and León from the House of Trastámara. He became king in 1369 by murdering his half-brother Pedro (known as both The Just or the Cruel, depending on the opinion of political allies or foes). After numerous rebellions and battles as king, he was involved in the Fernandine Wars and the Hundred Years' War.

Leonor chronicles the gruesome deaths of her relatives, a fate which only she and her problematic husband survived. After her traumatic losses as a prisoner of war, however, Leonor gains notable political power, rising to become the Queen Regent of Catalina de Lancaster. The postscript to this position is both tumultuous and unexpected.

CV:

Professor of Spanish and Comparative Literature.

Fields: *Medieval and Early Modern Iberian Literature and Culture, Comparative Lit. and Theory*

Selected Books: *The Status of the Reading Subject in the 'Libro de Buen Amor' (1985)*/ *The Cultural Labyrinth of María de Zayas (2000)*/ *Renaissance Encounters. Greek East and Latin West (2013)*/ *Cervantes' 'Persiles' and the Travails of Romance (2019)*

Marta González González

Universidad de Málaga, España

*La idea de amistad
en el Aquiles homérico*

Palabras clave: Aquiles, Homero, Amistad, Emociones, Pistos Hetairos.

El lazo que une a Aquiles y Patroclo, independientemente de la naturaleza erótica o sexual de su relación, es el de la amistad. El amigo es además consejero y confidente. Aquiles y Patroclo son un excelente ejemplo de la función benéfica que ejercía en la guerra la existencia de un amigo, confidente y camarada digno de la más absoluta confianza, así como de los peligros que la desaparición de esta figura entrañaba. La intimidad entre los dos héroes, en esos términos, es evocada por Aquiles tras la muerte de Patroclo y ayuda a entender la desesperación del primero. Para entender esta relación, hay que centrarse, en primer lugar en el concepto de pistos hetairos, “amigo en el que se puede confiar”, expresión que define un tipo de relación que, en Homero, se reserva para la amistad masculina, indicando un tipo de lazo muy especial y un sentimiento personal que va más allá de la camaradería entre soldados (hetaireia).

CV:

Marta González González es Profesora Titular de Filología Griega en la Universidad de Málaga. Sus líneas de investigación son la literatura griega arcaica y clásica, la epigrafía funeraria y la violencia sobre las mujeres en contexto bélico. Es autora de *Achilles*, London: Routledge, 2018; *Creencias y rituales funerarios. El Más Allá en la Grecia Antigua*, Madrid: Síntesis, 2018 y *Funerary Epigrams of Ancient Greece. Reflections on Literature, Society and Religion*, London: Bloomsbury, 2019.

Marta Isabel de Oliveira Várzeas

Universidade do Porto e CECH

Tróia com bilhete de volta: narrativas de guerra

Palavras-chave: guerra, Homero, narrativa, Clint-Eastwood, Arturo Perez-Reverte, Serhiy Zhadan.

Os Poemas Homéricos plasmaram para sempre uma forma de narrar a guerra como “espelho da vida”, no qual se reflecte com toda a clareza o pior e o melhor dos seres humanos. Nesta comunicação, pretende-se mostrar como esse paradigma literário tem inspirado, de forma mais ou menos explícita, narrativas de guerras contemporâneas, quer no âmbito do cinema, quer no da literatura. Para isso se apresentarão brevemente os filmes *Letters from Iwo Jima* e *Flags of our Fathers*, de Clint Eastwood (2006); o romance *O pintor de batalhas* de Arturo Perez-Reverte (2006); e *O Catálogo das Naus*, do poeta ucraniano Serhiy Zhadan (2020).

Nota curricular:

Professora Auxiliar na FLUP e investigadora do CECH de Coimbra. Doutorada em Literatura Grega, publicou, entre outros, *Silêncios no Teatro de Sófocles*, 2001; *A Força da Palavra no Teatro de Sófocles. Entre Retórica e Poética*, 2009; Traduziu Plutarco, *Vidas de Demóstenes e Cícero*, 2010; Sófocles, *Antígona*, 2011; Dionísio Longino, *Tratado do Sublime*, 2015; Plutarco, *Como deve o jovem ouvir os poetas*, IUC, 2022.

Martha Cecilia Jaime González

Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México

καί κεν ἐν Ἄργει εὐῶσα πρὸς ἄλλης ἀστὸν ὑφαίνοις.
El cuerpo femenino expoliado

Palabras clave: cuerpo femenino, desplazamiento forzado, espacio físico, botín de guerra.

El cuerpo femenino también se expolia, al despojarlo de su estatus social, su entorno y sus afectos. En toda la literatura griega leemos escenas en las que éste se convierte en botín de guerra. Briseida y Casandra son nombres que dan cuenta de esta práctica, la cual prevalece hasta nuestros días. Esta comunicación se enfocará el análisis de los espacios físicos y emocionales en los que las mujeres habitan cuerpos y vidas afectados por la guerra. A través de Penélope analizaremos el espacio abandonado y el lecho doliente; a través de Andrómaca el desplazamiento forzado y el estatus de prisionera de guerra y a través de Trifodoro el momento exacto en el que las mujeres transitan a esta otra realidad. Para lograr entrelazar este tejido argumental, el enfoque será lexicográfico e iconográfico incorporando a los pasajes literarios seleccionados una serie de imágenes que demuestran los vínculos iconológicos entre la literatura y las artes visuales.

Esta comunicación se encuadra en el panel temático número 5: Las víctimas de la guerra (mujeres, infancias, refugiados, exiliados y se vincula con el panel número 8: Representación de la guerra en el cine y otras artes.

Semblanza curricular:

Doctora en Letras, profesora titular de lengua griega. Actualmente es coordinadora del Colegio de Letras Clásica en la Facultad de Filosofía y Letras de la UNAM y es miembro del Sistema Nacional de Investigadores. Sus líneas de investigación se centran en el estudio comparativo de la Literatura y las Artes, específicamente en el espacio arquitectónico en todas sus variantes (sagrado, femenino, civil, etc.).

Página personal: <https://unam.academia.edu/CeciliaJaime>

Marzena Sokołowska-Paryż

University of Warsaw, Poland

*Sculpting/ Carving the Female Body:
A Transnational Perspective on Commemorating Wartime Rape Victims*

Keywords: wartime rape victims, memorials, the Great War, the Second World War, the Rwandan genocide, the Kosovo War, gendercide.

In the words of Joanna Bourke, “rape is not a metaphor for the ruin of a city or nation [...]. It is the *embodied* violation of another person.” The aim of this paper is to discuss the cognitive and affective capacity of war memorials to convey the trauma of wartime rape victims, for, in the words of Elaine Scarry, “whatever pain achieves, it achieves in part through its unsharability, and it ensures this unsharability through its resistance to language.” And what constitutes the “faces” and the “language” of memorials? The paper will begin with a comparative analysis of the problematic(?) ethics of the abstract aesthetic representations of human suffering (the Memorial to the Murdered Jews in Europe, Germany) versus the all-too-real corporeal displays of pain (the Murambi Genocide Memorial Centre, Rwanda). The subsequent discussion will concentrate on the ideologically-grounded allegorical uses of the female body in the Vimy National Memorial (Canada) versus the Ghetto Heroes Monument (Poland). The main focus of the paper will be the physical and psychological suffering of war rape victims in sculptural forms, the examples chosen for analysis including *Komm Frau* (Poland), *Mamma Ciociara* (Italy), *Heroinat* (Kosovo), and the *Statue of Peace* (South Korea). The different epistemologies written into the definitions of “carving” and “sculpting” will be emphasized in a comparative analysis of memorial forms designed to represent the raped female body in a transnational context.

CV:

Marzena Sokolowska-Paryż is University/ Associate Professor at the Institute of English Studies, University of Warsaw, Poland, where she teaches courses on contemporary British and Commonwealth literature, with specific emphasis on war fiction and film in relation to history, memory and national identity. She is the author of *Reimagining the War Memorial, Reinterpreting the Great War: The Formats of British Commemorative Fiction* (2012) and *The Myth of War in British and Polish Poetry, 1939-1945* (2002). She has co-edited, together with Martin Löschnigg, *The Great War in Post-Memory Literature and Film* (2014) and *The Enemy in Contemporary Film* (2018). She is also the Editor for the Literature/Culture issues of *Anglica: An International Journal for English Studies*.

Mireya Fernández Merino

Universidad Internacional de la Rioja (UNIR), España

Historiar el alma en La guerra no tiene rostro de mujer de Svetlana Alexievich

Palabras clave: guerra, polifonía de voces, mujeres, mito, alma, Svetlana Alexievich.

Guerra. Imágenes de enfrentamientos, destrucción y muerte. Su sola mención asusta y atemoriza. Sobre las guerras se ha construido un relato de batallas, héroes y hazañas. Los antiguos mitos han sido sustituidos por las historias oficiales que sustentan el poder y la gloria de los modernos Estados nación. Svetlana Alexievich, en su libro *La guerra no tiene rostro de mujer* (1985), cede el protagonismo a las mujeres soviéticas que lucharon en la II Guerra Mundial para ofrecer su testimonio y vivencias, una historia silenciada, pese a su activa participación en el frente de batalla. Paralelamente a esa polifonía de voces que transmiten en cada palabra, en cada frase, emociones encontradas, se reconoce el rostro de la periodista, las inquietudes que la conducen a buscar respuesta a las incógnitas de la presencia de miles de mujeres en el campo de batalla: cuántas eran, de dónde salieron, cómo se atrevieron a participar en igualdad de condiciones que los hombres en los combates. Mas la búsqueda de respuestas, acercarse a las experiencias y sentimientos de las combatientes, revela un interés mayor y convierten a la autora en lo que ella misma califica de “historiadora del alma”. Partiendo desde una perspectiva multidisciplinar, el presente trabajo analiza la narración polifónica entrelazada con el propio discurso autorial de Alexievich, con el objetivo de desvelar las huellas de esa alma que la autora pretende historiar y que emerge en ese tiempo de soledad y enfrentamiento con la muerte que es la guerra.

CV:

Licenciada en Idiomas Modernos, magíster en Literatura Comparada y doctora en Humanidades por la Universidad Central de Venezuela (UCV), donde ejerció la docencia durante 30 años. Actualmente, es profesora en la Facultad de Educación de la Universidad Internacional de la Rioja (UNIR), y dirige el Máster en Enseñanza de Español como Lengua Extranjera.

Nikolaus Dietrich

Institut für Klassische Archäologie und Byzantinische Archäologie, Germany

Achilles, hero of love *The hero beyond virtus in Roman art*

Keywords: Achilles, Lycomedes, Roman sarcophagi, travesty, roman mosaics, gender.

In middle and late Imperial Roman visual culture, the Greek hero Achilles gains renewed popularity – though not so much as the hero of war and fury known from the *Iliad*, than as a hero of love. Indeed, it is in particular the scene of his discovery among the daughters of Lycomedes which we find on numerous Roman mosaic floors and sarcophagi. Dressed up as a girl, both (‘female’) companion of the daughters of king Lycomedes on Skyros of whom he shares the life and (‘male’) lover of one of them, Deidameia, but shown in the very moment when his heroic identity as a warrior breaks through, Achilles appears in these images in as an astonishingly multifaceted and ambiguous figure. In my paper, I shall analyse this figure of Achilles, hero of love, focussing on the late second-Century Attic sarcophagus in Melfi and the mosaic floor of the late-antique Villa de La Olmeda and paying special attention to the body and its ‘extensions’: clothes, objects.

CV:

Nikolaus Dietrich is Professor of Classical Archaeology at Heidelberg University; he was previously based at the Humboldt-Universität zu Berlin (2008–2015). His research concentrates on Graeco-Roman art (especially vase-painting and sculpture); he is the author of *Figur ohne Raum? Bäume und Felsen in der attischen Vasenmalerei des 6. und 5. Jahrhunderts v. Chr.* (2010), *Das Attribut als Problem: Eine bildwissenschaftliche Untersuchung zur griechischen Kunst* (2018).

Nuno Simões Rodrigues

Universidade de Lisboa

Aquiles no cinema

Palavras-chave: Aquiles, cinema, recepção, reescrita do mito, Tróia, epopeia.

Esta comunicação pretende apresentar um panorama do modo como Aquiles tem sido representado e o seu mito reescrito na Sétima Arte. Desde os seus primórdios que o cinema se interessou pelas culturas antigas como fonte para argumentos e enredos. Na verdade, esse interesse remontava aos movimentos culturais oitocentistas. A Cultura Grega faz parte dessas fontes e filmes como «La caduta di Troia» (1911) comprovam-no. Mas só nos anos 50 e 60, os heróis gregos vieram a conhecer uma verdadeira amplificação das suas representações cinematográficas, em filmes como «Helen of Troy» (1955) e «La Guerra di Troia» (1961). Em todos eles, Aquiles aparece como figura quase secundária. A situação, porém, alterou-se em 1962, quando «L'ira di Achille» fez do mito de Aquiles o tema central do filme. Mais recentemente, o herói grego voltou a ser foco da atenção em «Troy» (2004) e «Troy: Fall of a City» (2018). Ao longo do tempo, as representações de Aquiles variaram, de acordo com os interesses e agenda ideológica de cada período que as fomentaram. É nosso objectivo delinear esse percurso e apresentar explicações para as eventuais mutações por que Aquiles tem passado no processo de recepção e de reescrita cinematográfica do mito que lhe dá corpo.

Nota curricular:

Professor Associado da Universidade de Lisboa. Doutor em Letras (especialidade de História da Antiguidade Clássica). Investigador dos Centros de História e de Estudos Clássicos da ULisboa e do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Tem dedicado a investigação ao estudo do Mito Grego e sua reescrita e recepção, bem como à sua relação com a Religião, a Sociedade e a Política. Outro domínio em que tem trabalhado é o do estudo da Sociedade Romana dos finais da República e inícios do Principado, bem como da Historiografia Clássica. Traduziu a «Alceste» e a «Ifigénia entre os Tauros» de Eurípides, o «Coriolano» de Plutarco e algumas das vidas da História Augusta. De momento, ultima a tradução da vida de «António» de Plutarco, no âmbito do projecto BIO-ROM (CECH-UC).

Paloma Flávio Betini

Giuliana Ragusa.

Universidade de São Paulo, Brasil

*Quem matou Aquiles?
A morte do maior dos aqueus por Páris-Apolo
na poesia grega arcaica e clássica*

Palavras-chave: morte de Aquiles, Páris, Apolo, dupla motivação.

Embora não narrada na *Iliada*, a morte de Aquiles permeia todo o poema, sendo profetizada em detalhes no Canto XXII por Heitor: o maior dos aqueus morreria pelas mãos de Páris e Apolo nos portões de Troia. Mesmo representado em inúmeras fontes iconográficas e em poemas perdidos, o mito chega até nós com Píndaro em seu *Peã 6*, três séculos depois da obra homérica, no qual o deus, ao possuir o corpo do troiano, acertou fatalmente o Pelida, adiando, assim, a destruição de Pérgamo - versão única em nossas fontes poéticas sobreviventes. Nas tragédias atenienses do período clássico, os pormenores da cena mítica não são revelados; contudo, os personagens da trama atribuem a autoria da morte de Aquiles de modo distinto, a depender do contexto: ora só citam Páris, ora só Apolo, resultando em um interessante jogo retórico, no qual nomear somente um dos assassinos pode ser uma estratégia persuasiva e/ou forma de elogio.

Assim, esta comunicação pretende abordar os seguintes questionamentos: quais versões da morte de Aquiles circulavam nos poemas do período arcaico e clássico? Como elas diferem ou não da tradição homérica? Por fim, com quais fins poéticos o mito é inserido e remodelado nas obras?

Notas curriculares:

Paloma Flávio Betini: Bacharela em Letras pela USP em 2021, atualmente é mestranda de Letras Clássicas na mesma instituição, orientada pela Prof.^a Dr.^a Giuliana Ragusa com dissertação sobre Páris Alexandre. Realizou mobilidade acadêmica na Sorbonne Université (2019-2020), e teve sua iniciação científica publicada pela *Codex* (2021) e *PhaoS* (2022). Participou do simpósio interdisciplinar sobre *paideia* e *performance* organizado por Fonte Aretusa, além de contribuir para o Compêndio Histórico de Mulheres na Antiguidade.

Giuliana Ragusa: É Professora Associada (Livre-Docente) de Língua e Literatura Grega na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (DLCV), da Universidade de São Paulo. É Bacharel em Letras/Português (1999), Mestre (2003) e Doutora (2008) em Letras Clássicas, pela USP, com Pós-Doutorado (08/2012-01/2013) nos EUA (University of Wisconsin-Madison). É vice-líder do Grupo de Pesquisa CNPq "Estudos sobre jambo, elegia, mélica e música na Antiguidade Clássica", liderado pela Profa. Paula Corrêa (USP).

Pandeleimon Hionidis

Independent Researcher, Greece

*“Our own correspondent from Greece”;
Covering conflict and war in early Victorian Britain (1835 – 1857)*

Keywords: Victorian newspapers, conflict, correspondents, Britain, Greece, blockade of 1850, Crimean War.

In early-Victorian Britain statesmen were fully conscious of the implication of supervising the information on foreign affairs that reached the public especially during periods of conflict and war. As international developments gradually made interesting reading, the scarcity of communication from a faraway country such as Greece lent authority and influence to the reports published in the London papers, whenever political tension between the English and the Greek governments or warfare in the Eastern Mediterranean brought the Greeks and their kingdom to the fore. In the years 1835–1857 the British diplomatic mission at Athens did not confine its activity to carrying out British policy, but built up a straightforward and carefully cultivated relationship with the English press. Equally, the Greek authorities used mainly members of the Greek community in England to publish and promote their point of view. Several episodes revealed the intention of both parts of using the London papers as a vehicle in order to vindicate the conduct of Britain of Greece with regard to the Eastern Question and Greek politics. The aggressive foreign policy pursued by the Greek kingdom against the Ottoman Empire threatened to destabilize it and to upset Britain’s plans in the region. Greece tried to take advantage of the crises of the Eastern Question by encouraging revolts among the Greek population in the neighbouring Ottoman provinces. Britain’s constant efforts to restrain the expansionist schemes of King Otho produced an almost permanent tension in the relations between Britain and Greece. The incompatible policies of Greece and Britain towards the Ottoman Empire led, in 1850, to the blockade of the Greek ports by the British fleet and during the Crimean war to the military occupation of Athens by French and British troops. The coverage of these events in Britain became a priority for both sides, as was the direct control of the war correspondents. The use of military force was portrayed either as the only method for maintaining European peace and spreading liberal institutions and ideas, or as the destructive display of power at the expense of a weak state and a proud people.

CV:

Born in Greece, Pandeleimon Hionidis studied History and Archaeology at the University of Athens where he also completed his MPhil dissertation in European History. Funded by the Greek State Scholarship Foundation he continued his research in Britain (1998-2002), where he received a PhD degree for his thesis ‘The Greek kingdom in British public debate, 1862-1881’ (University of London: London School of Economics). He has worked as ‘occasional teacher’ at LSE and taught ‘General History of Europe’ in the Hellenic Open University. His research interests cover the fields of Victorian Studies, Modern Greek history, philhellenism, history of the press, and the teaching of History.

Publications in English: <http://orcid.org/0000-0003-2827-1737>

Ramiro González Delgado

Universidad de Extremadura, Espanha

Los Fuegos de Aquiles y Marguerite Yourcenar

Palabras clave: Aquiles, Yourcenar, Fuegos, mitología clásica, tradición clásica, homoerotismo.

Marguerite Yourcenar (8 de junio de 1903 - 17 de diciembre de 1987) escribió *Fuegos* (1935) a la edad de treinta y dos años. Esta obra es fruto de una crisis pasional y los sentimientos y circunstancias vividas por la autora se expresan de diversa forma a través de nueve narraciones líricas, separadas por una serie de fragmentos y sentencias que la autora definió como “una cierta noción del amor”. Dos de estas narraciones, a pesar de su título, tienen como protagonista a Aquiles: “Aquiles o la mentira” y “Patroclo o el destino”. La primera recrea la estancia del héroe en la corte de Licomedes, cuando se ocultaba allí para no ir a la guerra de Troya. La segunda se sitúa precisamente en dicha guerra y se centra en el héroe tras la muerte de Patroclo.

No es baladí que sea Aquiles el protagonista de dos de las nueve historias. Además de analizarlas, así como las sentencias que las acompañan, se relacionarán con el resto de historias que aparecen en la obra y el contexto general en que fueron creadas, lo que nos permite no solo vincular a Aquiles con otros personajes del mundo antiguo, sino también con la propia autora.

CV:

Ramiro González Delgado es Licenciado y Doctor en Filología Clásica por la Universidad de Oviedo y licenciado en Filología Hispánica por la UNED. Profesor titular de Filología Griega en la Universidad de Extremadura, sus líneas de investigación son la mitología y literatura griegas, la tradición clásica en la literatura y la historia de los estudios clásicos en España, con especial atención a la traducción de autores griegos.

Ricardo Duarte

Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Cólera, vingança e adulação: Séneca e a história de Prexaspes

Palavras-chave: cólera, vingança, Cambises, Prexaspes, Séneca, estoicismo.

A história narrada por Séneca no *De Ira* 3.14 dá forma ao quadro subtil do aparente dilema que se depara a Prexaspes, depois de Cambises, num gratuito acesso de cólera, lhe matar o filho: como reagir à cólera arbitrária e sanguinária? Com proporcional vingança, ou com aviltante adulação? Examinaremos e analisaremos as duas possibilidades desse dilema e reflectiremos sobre a (in)adequação da escolha de Prexaspes à moral estóica.

Nota curricular:

Ricardo Duarte é doutorado em Literatura Latina e investigador do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. No âmbito do seu projecto de pós-doutoramento, traduziu para português as tragédias de Séneca, cujo primeiro volume foi publicado em Outubro de 2021, e cujo segundo volume virá a lume em Novembro de 2022.

Roxana Beatriz Martínez Nieto

Universidad Internacional de la Rioja, España

*Tucídides V, 84-116: El diálogo de los Melios.
Una aproximación a la historiografía griega desde
la perspectiva actual de las relaciones internacionales*

Palabras clave: *El Diálogo de los Melios*, Tucídides y la historiografía griega, relaciones internacionales, imperialismo y neutralidad, conflicto bélico, teoría política.

El presente trabajo aborda el estudio del pasaje perteneciente al libro V de Tucídides, que narra la guerra del Peloponeso, entendida como un conflicto militar que enfrentó en la antigua Grecia a las ciudades que formaban la Liga de Delos y la Liga del Peloponeso. El acontecimiento se sitúa en el decimosexto año de guerra, 416-415 a.C., en que los atenienses emprenden una expedición contra Melos, asedian la ciudad hasta su caída y masacran a sus habitantes. El llamado “Diálogo de los Melios” es definido por Nietzsche como un “terrible” diálogo entre los notables de la isla de Melos y los embajadores atenienses. Partiendo del análisis de los pasajes que hacen referencia a la dimensión teórica del problema bélico y que presentan a Atenas como potencia invencible y a Melos como rival sin posibilidad alguna de defensa, se relacionará la gran presencia de tintes imperialistas descentralizados por parte de Atenas a lo largo del relato con el desempeño de cuestiones relativas a la representación de un Estado y la adopción de posturas estratégica por ambos bandos. Continuando con la exégesis de los pasajes que dan cuenta de la contraposición entre los actores del conflicto, se interpretará el diálogo desde una perspectiva actual. Por una parte, la postura de Atenas puede concebirse como realista, puesto que considera la intervención de sus embajadores a lo largo del debate como una defensa del interés nacional, al tiempo que un intento por reunir el máximo número de recursos y, por ende, conseguir un mayor grado de poder. Por otra parte, la postura de Melos puede entenderse como liberal, puesto que rechaza la clásica descripción de la inevitabilidad de la guerra. Los resultados del estudio nos permitirán arrojar luz sobre el debate acerca de términos opuestos como imperialismo y neutralidad, atacantes y asediados, o la fuerza contra el derecho a la libertad del débil, que fácilmente son extrapolables a la realidad actual de conflictos como el de Rusia y Ucrania.

CV:

Doctor en Filología Clásica (1997) y *Premio Extraordinario* Mejor Tesis Doctoral. Profesora de la Universidad Internacional de la Rioja, UNIR. Participación en el Proyecto de Investigación: *Diccionario Griego-Español*, DGE (CSIC, 2003-2011); Proyecto: *Filosofía Presocrática* (LMU, München, Humbolt-Universität zu Berlin). ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7168-7610>

Rui Carlos Fonseca

Universidade da Madeira / Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa

Aquiles e a Guerra de Tróia na literatura bizantina

Palavras-chave: Aquiles, Guerra de Tróia, Literatura Bizantina, Ana Comnena, João Tzetzes, Constantino Manasses.

Nesta comunicação, pretendo analisar representações de Aquiles e da Guerra de Tróia em obras da literatura bizantina. A análise incidirá na épica, na historiografia e no romance, especialmente na trilogia de João Tzetzes (*Antehomerica*, *Homerica* e *Posthomerica*), na *Crónica* de Constantino Manasses, na *Alexíada* de Ana Comnena e nos romances anónimos *A Guerra de Tróia. Uma Ilíada Bizantina* e *Aquileida*. Aquiles surge nestes textos bizantinos de acordo com o retrato convencional que dele se faz na poesia homérica: o herói por excelência, possante e implacável, que excede todos os outros combatentes na guerra. É, por isso, invocado como elemento de comparação para caracterizar Roberto Guiscardo (*Alexíada*) e Basílio II (*Crónica*). Dos epítetos que recebe, uns são de uso homérico (e.g. δῖος, μέγας, πέλωριος), outros têm ressonâncias homéricas (e.g. ἀλλοδρόμος). O relato selectivo que Homero fornece da Guerra de Tróia difere, porém, da visão mais alargada apresentada pelos escritores bizantinos, pois episódios fundamentais da *Ilíada*, como a cólera de Aquiles, a disputa com Agamémnon e o «rapto» de Briseida, são referidos de modo sucinto e irrelevante. Nas obras mencionadas, ganham maior destaque e desenvolvimento episódios como a morte de Palamedes, a inimizade com Ulisses, o romance com Políxena e a morte às mãos de Páris e Deífobo. Manasses conta a guerra feita contra os Troianos, mas não como o fez Homero, afirmando que, em certos pontos, o poeta arcaico manipulou a narrativa e distorceu os acontecimentos. No entanto, Homero não deixa de ser considerado como autoridade nesta matéria. É essa combinação deliberada entre aproveitamento e afastamento da tradição homérica que se procurará enfatizar a propósito da representação literária de Aquiles entre os Bizantinos.

Nota curricular:

Rui Carlos Fonseca é Professor Auxiliar Convidado na Universidade da Madeira e investigador no Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa. Concluiu doutoramento em 2013 com uma tese sobre epopeia e paródia na literatura grega antiga. Entre 2015 e 2021, desenvolveu um projecto de pós-doutoramento da FCT sobre romance bizantino. É um dos organizadores do ciclo de conferências e da colecção de ensaios *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura*. Os seus principais interesses de investigação incluem: poesia homérica, literatura bizantina e estudos de recepção.

Rui Miguel Duarte

Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa

Aquiles nos discursos de escola

Palavras-chave: Aquiles, *progymnasmata*, comparação, etopeia, encónio, invectiva.

Na retórica escolar helenística, e mais tardiamente nas das épocas imperial romana e bizantina, têm lugar de relevo os *progymnasmata*. Através deles, os aprendizes eram convocados a realizar exercícios de retórica, argumentação e composição literária sobre variados temas e personagens históricas gregas e míticas, como preparação para os discursos de grande fôlego que os futuros oradores haveriam de ser chamados a pronunciar. Entre essas personagens, figura a de Aquiles. À personagem estão associadas uma determinada reputação, glória, narrativas e um temperamento.

Nos mestres da *progymnasmática*, prestou a três exercícios. Um deles, a *ethopoeia*, no qual se trabalhava a construção de um carácter com determinado perfil psicológico e emocional e se imaginavam as palavras que a personagem proferiria em determinadas circunstâncias e em diálogos com outras. A verosimilhança em concordância com a reputação da personagem era o critério do exercício bem feito. Veja-se a este respeito um escólio de Sópatro às questões inverosímeis nos seus comentários a *Estados de causa* de Hermógenes de Tarso. Outro exercício é o da *synkrisis*, em que se comparava uma personagem a outra sua émula (como Diomedes, Ájax), no tocante ao nascimento, educação, virtudes e feitos. Tratando-se de um herói, presta-se ainda ao *enkomion* e ao *psôgos*, encómio e invectiva. Invetiva, sim, porque Aquiles e a sua ira foram também motivos de censura. Mais ainda, sendo embora o mais célebre herói das lendas, paradigma da bravura guerreira, aparece num papiro um texto em que é retratado como um covarde!

Conferiremos os passos dos tratados de *progymnasmata*: Élio Téon, Pseudo-Hermógenes, Aftónio, Nicolau de Mira e Libânio. Em Libânio, em contraste com os seus predecessores, houve a preocupação de fornecer uma larga colectânea de mini-discursos exemplares de cada exercício. O objectivo que com isto nos propomos é refazer um retrato de Aquiles nestes discursos de escola.

Nota curricular:

Rui Miguel Duarte, natural de Lisboa, licenciou-se em Línguas e Literaturas Clássicas pela Universidade de Lisboa em 1991 e doutorou-se em Literatura pela Universidade de Aveiro em 2006, com tese subordinada ao título *Comentários ao tratado sobre os Estados de causa de Hermógenes de Tarso por autor anónimo*. Tem colaborado com a Sociedade Bíblica de Portugal, como tradutor e consultor, em traduções: *A Bíblia para Todos*, *O Livro e Almeida*. O seu domínio principal de investigação é a teoria retórica grega.

Sara Topete de Oliveira Pita

DLC/CLLC, Universidade de Aveiro

*O retrato de um presidente em guerra
nos títulos dos jornais*

Palavras-chave: títulos, notícias, Zelensky, tema e rema, tópico e comentário, ethos.

A referência à guerra nos meios de comunicação social é uma constante em virtude da conjuntura política atual, não só para detalhar os avanços e recuos militares, mas também para mostrar o papel dos vários intervenientes. Neste ponto, a imprensa tem a capacidade de fomentar a construção das imagens de algumas figuras políticas através do que é dito e do modo de dizer. Como referia Ducrot (1985), um enunciado inclui mais do que uma descrição da situação, inclui também um comentário, e nas notícias verifica-se que a distribuição da informação é, no fundo, um posicionamento de quem escreve e de quem lê. Uma das figuras que tem vindo a ganhar relevo e espaço noticioso durante este período é o Presidente da Ucrânia, Volodomir Zelensky.

Neste trabalho, centramo-nos nos títulos noticiosos que surgiram em jornais portugueses, desde 24 de fevereiro de 2022, nos quais constava a referência ao presidente ucraniano. Os títulos são o primeiro contacto do leitor com a notícia, constituindo o sumário (Van Dijk, 1985) e fornecendo o ponto de vista do jornalista. Efetivamente, a seleção do vocabulário e a ordem dos elementos da frase estão ao serviço da construção do sentido, do olhar que o produtor do texto tem sobre o facto (Charaudeau, 2013).

No corpus, verifica-se que a grande maioria dos títulos apresenta o nome “Zelensky” em primeiro plano; de um ponto de vista informacional e de conteúdo, a posição ocupada convoca uma informação já conhecida do público (tema/tópico) para dela se indicar algo novo (rema/comentário). Nesse comentário, o uso lexical contribuiu para a criação de diferentes imagens, nomeadamente de honestidade («Zelensky admite que situação no Donbass “muito complicada”»), de autoridade («Zelensky destitui comandante das Forças de Defesa Territorial»), de crítica («Zelensky critica Guterres por ir a Moscovo antes de visitar Ucrânia»), entre outras.

Nota curricular:

Doutorada em Linguística pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa com a tese “Ethos textual em intervenções políticas: estudo contrastivo de mensagens de final de ano portuguesas e brasileiras”. Docente na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e na Universidade de Aveiro. Áreas de investigação: linguística aplicada e linguística textual. Investigadora do CELGA-ILTEC (UC) e do CLLC (UA).

Susana Marques

Faculdade de Letras / Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Universidade de Coimbra

*Evocações de Aquiles
na poesia portuguesa contemporânea*

Palavras-chave: Aquiles, tradição clássica, receção literária, Sophia de Mello Breyner, Eugénio de Andrade, João Miguel Jorge, Manuel Alegre.

A presente reflexão propõe-se evidenciar como a recuperação do mito de Aquiles para expressar realidades ou experiências contemporâneas é um propósito comum a vários poetas portugueses, em momentos diversos da história lusa e europeia, implicando um dialogismo intertextual constante, ilustrativo da famosa teoria palimpséstica de G. Genette.

Nota curricular:

Professora Auxiliar do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da mesma Universidade (CECH), tem centrado a sua investigação mais recente nos Estudos de Receção dos Clássicos, contando com diversas comunicações e publicações neste domínio.

Tiago Marcenes Ferreira da Silva

IFB, Instituto Federal de Brasília, Brasil

*“Pai contra mãe”, de Machado de Assis,
e a crueldade da escolha pela violência*

Palavras-chave: violência, escravidão, Brasil, Machado-de-Assis, escolha, rivalidade.

Publicado na coletânea *Relíquias da Casa Velha*, em 1906, o conto de Machado de Assis retrata as instabilidades da sociedade escravista brasileira, sobretudo no que diz respeito à obtenção de trabalhos formais para garantia da subsistência familiar do protagonista Cândido Neves. Além da riqueza de detalhes acerca do contexto da escravidão e das fraturas deixadas na sociedade brasileira, o narrador machadiano nos coloca diante do conflito entre o jovem capitão do mato e uma escrava fugida, no qual a “escolha” pela violência para manutenção da vida revela um contexto de exclusão e crueldade naturalizadas, numa sociedade cujas condições advindas da escravidão impossibilitam a continuidade do coletivo e a prevalência da vida de todos. Nesse sentido, procura-se pensar de que modo a “disputa” referida no título permite a leitura mais ampla e crítica da violência estrutural que opõe Candinho e Arminda, numa disputa desumana, a qual impossibilita a realização do coletivo e parece inviabilizar a superação do ciclo histórico de violência sintetizado no regime escravista.

Nota curricular:

Tiago Marcenes Ferreira da Silva é professor no Instituto Federal de Brasília desde 2018. Mestre e Doutor pela Universidade de Brasília, 2013 e 2019, respectivamente, com foco em estudos sobre literatura brasileira, história, religião e realismo.

Vanessa Fernandes

Fotini Hadjittofi

Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

*A figura do herói guerreiro
na declamação grega da antiguidade tardia*

Palavras chave: Exercícios de retórica, Libânio, Corício de Gaza, antiguidade tardia, recepção da comédia, recepção de Aquiles.

A presente comunicação tem como objectivo apresentar o papel do herói na declamação, focando-se pertinentemente na obra de Libânio e Corício. Perfazendo uma considerável porção da sociedade clássica, o militar, tal como muitos outros arquétipos sociais, marca presença como *topos* da literatura clássica. Reclamando para si uma herança dramática imprescindível à sua identidade, a declamação adopta as variadas facetas que a figura do herói, do soldado e do estratega arrecadaram ao longo da história literária e aplica-as livremente nas suas composições. Provenientes do teatro (especialmente da comédia), do romance e da epopeia, florescem os heróis fanfarrões, os cobardes, os honráveis, os apaixonados e os coléricos, acompanhados de fiéis amigos, rivais, donzelas e respectivos pais.

Libânio e Corício, professores-retores da Antiguidade Tardia, deixaram um *corpus* declamatório considerável. Entre a obra destes encontramos vários exemplos da figura do militar, seja em declamações fictícias, seja histórico-mitológicas. Focando-nos num primeiro momento em declamações fictícias, apresentaremos os casos da declamação 33 de Libânio e a *antilogia* 5 e 6 de Corício. Provenientes de premissas semelhantes - um filho que escolhe uma recompensa que enfurece o seu pai - encontramos dois tipos de heróis diferentes. Com motivações distintas, mas comportamentos semelhantes, estes heróis relembram tanto o herói da epopeia, como o herói apaixonado do romance e da comédia.

Esta comunicação referir-se-á também a duas declamações de Corício de Gaza (1 e 2), desta vez de temática mitológica, nas quais dois Troianos, Polidamas e Priamo debatem se devem ou não aceitar a proposta de um casamento entre Aquiles e Políxena. Ver-se-á que nesta *controversia*, baseada num mito pós-homérico, Corício entrelaça citações e alusões homéricas, mitos cíclicos e elementos típicos da representação dos heróis anónimos para criar duas personagens distintas a partir do mesmo herói: um Aquiles idealizado e romântico (por Polidamas) e um herói que é vítima das suas paixões (por Priamo).

Notas curriculares:

Vanessa Fernandes concluiu a Licenciatura em Estudos Clássicos em 2017 e está actualmente a terminar a sua tese de Mestrado, intitulada "A recepção da comédia teatral nas declamações de Libânio e Corício".

Fotini Hadjittofi é Investigadora Principal de um projecto sobre a recepção de Aquiles na antiguidade tardia. A sua investigação foca-se na literatura grega desse período, especialmente na epopeia tardia e na recepção de Homero em outros géneros literários. É orientadora de Vanessa Fernandes.

Vera Maquêa

UNEMAT, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil

A Fúria Encantada

Palavras-chave: Romance brasileiro, torto arado, Itamar Vieira Junior. Jarê, quilombo, mito e história.

Como um tema clássico como a fúria de Aquiles pode ressoar, tantos séculos depois, na literatura distante de um país recente? O romance *Torto arado* (2018), do escritor brasileiro Itamar Vieira Junior, é um exemplo de como a literatura brasileira contemporânea, sendo obviamente em tudo distinta da literatura grega antiga, reedita os dramas das paixões clássicas e coloca em questão referências éticas e políticas que envolvem lutas, guerras e disputas entre sítios de poder. Os caminhos pelo quais os heróis ausentes circulam no romance são atravessados pelo paradoxo do tempo, a saber, o amálgama de uma história que evidencia a todo momento os entraves para que o Brasil supere os limites de sua formação nacional. Ao invocar a Bahia do século XVIII, no pós-abolição, e o Jarê, religião de matriz africana da Chapada Diamantina, o autor traz à cena práticas culturais e realidade social que estão na origem e seguem em contextos atuais do Brasil e que permanecem silenciados pelas vozes autorizadas da cultura nacional. Se por um lado o quilombo, as mulheres negras e as culturas africanas são os ingredientes de uma composição viva, que quer representar um país que ainda tem muito o que descobrir sobre si mesmo, por outro lado, há uma pulsão de entusiasmo com relação às possibilidades de transformação pela resistência e pela luta. A fúria das mulheres e dos homens, personagens que protagonizam lutas e vinganças, é um tópico literário que se produz com sucesso nesse romance. O Brasil rural, que convive com o urbano, já abordado pelo romance brasileiro em momentos diferentes e com propostas estéticas variadas, continua inspirando a imaginação poética de nossos escritores e reafirmando a conexão histórica entre Brasil, Portugal e países africanos.

Nota curricular:

Profa. Adjunta da UNEMAT. Atua na graduação e na pós-graduação: Programa de Mestrado Profissional em Letras e Programa de Pós-graduação em Estudos literários (mestrado e doutorado). Licenciada em Letras pela UNEMAT (1992). Mestra em Literatura Brasileira pela UFPR (1999). Doutora em Estudos comparados de literaturas de língua portuguesa pela USP (2007).

Virgínia Boechat

AgroParisTech, França

Cães, cavalos, touros, águias, gamos: a fúria e o ardor que animalizam os humanos n'Os Lusíadas

Palavras-chave: *Os Lusíadas*, Luís de Camões, herói, alteridade, animalização, literatura portuguesa do século XVI.

Questionamentos sobre o que é ser humano, sobre-humano ou desumano vêm à tona em diversos momentos n'Os *Lusíadas*. Seriam os três estados realmente distintos no épico camoniano? Na proposição, são anunciados como matéria do canto os feitos de homens que ultrapassaram a capacidade humana e que por sua distinção se libertaram da morte (I, 1 e 2); outras passagens alcançam a reflexão disfórica de que ser homem é ser um “bicho da terra tão pequeno” (I, 106). Chama-nos a atenção que alguns personagens humanos sejam descritos ou comparados com animais, com cães, cavalos, touros, águias, gamos. Observamos, sobretudo, o fato de que tal animalização, encontro com a face desumana, surja em momentos de fúria em combate ou de ardor amoroso, ou seja, em que os humanos teriam acesso à possível elevação à condição sobre-humana ou imortal. Examinamos ainda as razões para que uns animais sejam legados aos portugueses e povos da antiguidade, e outros designem os inimigos e os não-cristãos.

Nota curricular:

Virgínia Boechat é Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Desenvolveu junto à Universidade de Aveiro (2014-2016) pesquisa de pós-doutoramento dedicada à literatura portuguesa de viagens do século XVI. É responsável pelas disciplinas de língua portuguesa na escola superior AgroParisTech e é professora temporária (*vacataire*) de português na Mines Paris - PSL.

William J. Dominik

Centro de Estudos Clássicos, Universidade de Lisboa, Portugal |
Programa em Estudos Clássicos, Universidade de Otago, Nova Zelândia

A fúria de Aquiles na literatura latina da Antiguidade Tardia

Palavras-chave: fúria de Aquiles, recepção de Aquiles, literatura latina, Antiguidade Tardia.

A fúria de Aquiles, como mesmo sugerido no título deste congresso, é a característica mais proeminente da sua personalidade. *Μῆνις* (“fúria”), que é a primeira palavra do proémio da *Iliada* de Homero (1.1), é mencionada como sendo o tema de toda a epopéia (cf. 1–7). A recepção de Aquiles na literatura grega e romana teve uma série de etapas a percorrer desde Homero até à Antiguidade Tardia. Durante a Antiguidade Tardia, o texto de Homero assumiu um papel proeminente como texto didáctico e o leitor foi educado a examiná-lo de diferentes perspectivas, o que incluiu uma reavaliação das acções e conduta de Aquiles, incluindo a sua fúria.

O papel de Aquiles na cultura e literatura romana durante a Antiguidade Tardia ilustra que ele funcionou tanto como *exemplum* positivo como negativo. Esta ambivalência literária da sua representação é omnipresente na literatura latina da Antiguidade Tardia. Em alguns relatos das acções e palavras de Aquiles, o seu famoso temperamento está ausente; em outros textos, a sua irascibilidade e crueldade estão sublinhadas; e em outros ainda, o seu uso da violência é retratado tanto negativamente como positivamente por escritores latinos, por vezes pelo mesmo autor (por ex., cf. Coripp. *Iobann.* 1.178, 4.514).

Tanto os aspectos favoráveis como negativos de Aquiles e a sua fúria que aparecem nas obras da Antiguidade Tardia são ligados às aspirações da elite romana e aos valores enfatizados pelos escritores cristãos. Aquiles é utilizado como modelo favorável e até mesmo como contraste negativo para o imperador ou o seu representante quando ele enfrenta o inimigo. Na obra *De consulatu Stilichonis*, por exemplo, Claudiano emprega Aquiles, por meio de *comparatio*, como contraste negativo para ilustrar o tipo de conduta violenta que deve ser aproveitado contra os inimigos de Roma (1.94–114, esp. 98–102; cf. *Pan. Lat.* VI.10.1–13.1). Apesar dos aspectos do irascível carácter e conduta de Aquiles serem vistos negativamente em termos cristãos, a sua reputação como guerreiro feroz parece ter encapsulado, ainda que paradoxalmente, o tipo de carácter forte que apelou à elite na sua luta para manter a ascendência romana face às suas lutas contra os seus vizinhos bárbaros.

Nota curricular:

William J. Dominik é Investigador Integrado de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, onde ele também foi professor visitante convidado, e Professor Emérito de Estudos Clássicos da Universidade de Otago na Nova Zelândia. Ele também tem tido outros cargos de ensino e pesquisa em sete outras universidades em cinco continentes. Dominik é o autor ou editor de mais de trezentos obras académicas em literatura romana e retórica, recepção e tradição clássica, lexicografia e outros tópicos.



apoios

Apoios



FCT **Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia**

Este congresso é financiado por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P., no âmbito do projeto UIDB/04188/2020

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis